

Víctor Gabriel Rodríguez

Professor Livre-Docente de Direito Penal da USP

Membro da União Brasileira de Escritores

www.usp.br/fdrp

www.prolam.usp.br

16 9 8848 8929

victorgabriel@usp.br

**Texto para Júri simulado
Semana de Recepção aos Calouros 2018
FDRP/USP**



**TROTE UNIVERSITÁRIO
OU
O CURIOSO CASO DO
CRIME PERFEITO**

Víctor Gabriel Rodríguez

Nota do Autor:

O presente caso foi redigido
A partir da proposta da Semana de Recepção aos
Calouros da USP, atendendo ao tema estipulado.

É como um dos tantos casos
Por este autor já escritos e publicados, para julgamento
Simulado em sala de aula. Não há qualquer
Semelhança com fato real, nem direcionamento ideológico.
Está pensado para ser equilibrado nos debates jurídicos.

Víctor Gabriel Rodríguez



Víctor Gabriel Rodríguez
Professor de Direito Penal da USP



TROTE UNIVERSITÁRIO
ou
O CURIOSO CASO DO
CRIME PERFEITO

Víctor Gabriel Rodríguez



RESUMO

Moisés Sabadell, 23 anos de idade, foi morto no dia 19 de fevereiro de 2017, por golpe de instrumento pérfuro-contundente que lhe rompeu a artéria carótida, causando sangramento hemorrágico. Falecido logo após dar entrada no Hospital Universitário. Nos autos do Boletim de Ocorrência, consta que **Hermógenes Mapetelli**, 22 anos, teria desferido o golpe fatal quando ambos - agredido e agressor - estavam no pátio da Faculdade de Engenharia da Universidade Pública da Capital. Há notícias de que a agressão houve por conta de o que se chama “trote universitário”.

O caso vai a julgamento no próximo dia 01 de março de 2018, e dele constam apenas os seguintes documentos, além da denúncia que será devidamente encartada:

- I) Reconstituição de Vídeo;
- II) Depoimento de Dr. Fonseca, Perito Judicial;
- III) Desenho de corpo com ferida de entrada e saída de instrumento pérfuro-contundente
- IV) Depoimento da delegada Aretha
- V) Depoimento de Juan Sacromonte
- VI) Depoimento de Angela Roth
- VII) Depoimento de Armando Abranches
- VIII) Depoimento de Gino Cavalcante
- IX) Depoimento de Rebecca Lima
- X) Depoimento de Mildred Klein
- XI) Depoimento de Hermógenes Mapetelli
- XI) Carta de Euzébio Calatrava

Não há mais qualquer documento, e eventuais contradições são parte intencional do texto.



Víctor Gabriel Rodríguez
Professor de Direito Penal da USP

- I -
RECONSTITUIÇÃO
DE VÍDEO



I. Reconstituição de Vídeo

Trata-se de um vídeo filmado no pátio da Faculdade de Engenharia. Filmagem com definição bastante boa, ao menos conforme se assistiu pela tela do aparelho celular que a produziu. Dura exatamente dois minutos e dezesseis segundos. A descrição que segue é aproximada, feita em comum acordo com os quatro subscritores, que assistiram ao vídeo ao menos duas vezes, atentamente. As definições de tempo, à exceção da duração total do vídeo, podem não ser exatas. Já as palavras pronunciadas são, quase a cem por cento de certeza, essas que são aqui reproduzidas.

O vídeo se inicia com um bom foco, de meio corpo, de um indivíduo de seus aparentes vinte anos, pele morena, quase parda, e cabelos avermelhados longos, também quase em estilo afro, black power. O rapaz mede um metro e setenta e cinco aproximadamente e é bastante magro. Ele é identificado como **Hermógenes**, este a que se refere o Boletim de Ocorrência em que este relatório é encartado. Nota-se que estão em um ambiente fechado, muito provavelmente um pátio interno da Universidade. Também se vê que **Hermógenes** usa uma calça jeans de cor clara, e traz uma pasta vermelha, de plástico com elástico, tamanho ofício, para portar documentos. Carrega-a com a mão direita. Traja uma camisa de mangas curtas marrom claro ou mostarda, de botões, aberta, e por baixo dela uma camiseta branca, em cuja gola, bem junto ao pescoço, nota-se pendurada uma caneta prateada. Ele fala diretamente à câmera “Como eu disse, vocês aprenderão agora como convencer a turma do trote a colocar fim, de uma vez, à prática mais violenta e irracional da Universidade. Basta que me sigam”. Começa então uma caminhada e **Hermógenes**, sendo acompanhado de perto pela câmera. A impressão que dá é que eles dão alguma volta proposital pelo pátio interno, porque há como um caminhar em círculo, até onde é a porta. Por volta dos quarenta segundos, ele se volta de novo à câmera e diz rapidamente: “Eu tenho de sair por esta porta e me dizem que lá no pátio, na saída, vão me cortar estas lindas melenas encaracoladas. Eu só quero convencê-los de que gostaria de poder continuar com elas, porque são parte do meu corpo”. Enquanto pronuncia, **Hermógenes** passa a pasta vermelha para a mão esquerda e, com a direita, puxa parte de seus cabelos para cima, depois os acaricia para pôr de volta no lugar.

Ambos saem ao pátio aberto. Caminham como dez passos, **Hermógenes** para e se volta à câmera: “Meu cinegrafista Gino vai mostrar pra vocês: lá adiante está a turma do trote. Note que eles não me deixam escapatória, porque, para sair do prédio, tenho de atravessar o conglomerado que eles formam. Meu cinegrafista diz que há uma fuga por uma parte mais baixa do muro, do outro lado do edifício, mas eu não tenho motivo para estar em fuga. Que eu saiba”. **Hermógenes** sorri e levanta os ombros. Anda dois passos para trás, para que o cinegrafista mostre um grupo de oito pessoas, aproximadamente a cinquenta metros de distâncias. A câmera os filma por alguns segundos. Alguns do grupo já notam a presença de **Hermógenes** e do cinegrafista (que não se vê), e apontam para a câmera, rindo. Aproxima-se do grupo uma moça de camiseta lilás, e sai. A câmera afasta outra vez e se observa, ao lado desse grupo de oito, dois outros rapazes, grandes. Um deles é o que se identificará como **Moisés Sabadell**, referido nestes autos. Com 01min30s, a câmera volta ao rosto de **Hermógenes**, focado em muita proximidade, que pronuncia,



como falando a um público “Agora fiquem aqui, atento a minhas palavras e não tentem repetir este diálogo em casa. É muito arriscado, crianças!!”. Ele sorri muito.

A câmera fica a dez metros, e não se consegue ouvir exatamente o que dizem os diálogos, o que poderia ser solucionado com uma perícia. “Sem violência, pessoal!” é o único que se pode identificar, na voz de **Hermógenes**, enquanto todos o cercam. Isso dura algo como trinta segundos ou menos, o diálogo completo. A câmara sofre um solavanco, desfocando, até que se observa o círculo aberto, e os dois jovens mais fortes, que estavam de longe, aproximam-se. Um, que não é **Moisés**, empurra **Hermógenes** e diz “O que foi, bixo?”. Esse não-identificado traz uma tesoura na mão.

A câmera se afasta agora mostra, em bom foco, em um primeiro plano o rapaz da tesoura à esquerda, **Hermógenes** ao centro e **Moisés** entrando pelo lado direito do vídeo. **Moisés** tem mais de um metro e noventa de altura, é forte, traja camiseta branca e bermuda avermelhada¹. O rapaz da esquerda, da tesoura, é menor e usa roupa de academia, e usa camiseta de um time de futebol europeu. Nota-se, por algo como cinco segundos, **Hermógenes** com sua caneta na mão direita. Não se vê sua pasta vermelha. O rapaz da esquerda aproxima-se para um soco, **Hermógenes** esquiva-se e dá-lhe um chute forte na perna, que o afasta. Volta-se imediatamente a **Moisés**, à sua direita. A câmera afasta-se mais, quando se vê que o rapaz da esquerda, da camisa do Barcelona, volta-se para agredi-lo, mas o conflito principal está na parte direita da tela. Em um movimento muito rápido², **Moisés** tenta dois socos, que passam no vazio, porque **Hermógenes** se esquiva com um jogo de cintura e dando dois passos para trás. **Moisés** dá um longo passo à frente, aproximando-se de **Hermógenes**, com a mão esquerda levantada, claramente para desferir um soco. **Moisés** desferia o soco. Nesse momento, suas costas tapam a visão da câmera. Quase só se vê a camiseta branca de **Moisés**, até que este cai ao chão. A câmera mostra **Moisés** tombado na grama, com as mãos ao pescoço. Quem conhece o resultado sabe que **Moisés** tem a caneta fincada na garganta, mas não se a vê. Há um tumulto sobre o corpo, que impede imagem clara. Não mais de quinze segundos depois, vê-se apenas o corpo de **Moisés** no chão. A câmera claramente mostra que ele sangra muito e apenas move a cabeça de lado a outro, a princípio com um intenso movimento torácico que indica sufocação, mas que cessa em poucos segundos. Uma moça, a de roupa lilás, aproxima-se e grita “Gino, você vai ficar filmando? Usa essa droga pra ligar pra ambulância, sua mula!”. Seu rosto é filmado muito de perto. Corta o vídeo, em 2min15seg.

Não havendo divergência relevante entre os declarantes, segue firmado.

Doutora Aretha, Delegada

Evanildo, chefe dos escrivães

Marcello, Tenente PM.

Doutor Lindomar, advogado

¹ A única divergência relevante, pois um de nossos reconstituintes tem certeza que a vítima usava calças.

² Este movimento foi visto e repetido dezenas de vezes pelos que descrevem esta cena, voltando a imagem no celular. Por isso se recorda bem: ela vai do minuto 1min50s até 2min06, quando Moisés está ao chão.



- II -

DEPOIMENTO :

**DOUTOR
FONSECA**



II. Doutor Fonseca

62 anos, médico legista

Irídio. Não, eu não me chamo Irídio, me chamo Dr. Fonseca, médico forense. Bom, melhor começar do início. Falemos do corpo.

Um corpo sempre tem uma voz retumbante. Um corpo, digo, um corpo sem vida grita, diz o que lhe ocorreu; para um ouvido treinado, conta quem o matou. Por isso amo minha profissão, se me permitem dizer, ainda com todos os preconceitos. Falo, não foi fácil ouvir aquela afirmação tão forte, quando terminei a faculdade de Medicina e quis me especializar na Medicina Legal, “se a Medicina é pra salvar a vida, de que serve um médico que só trabalha com mortos”? Sim, pergunta ofensiva e preconceituosa, primeiramente porque não trabalho só com mortos, mas, verdade, tampouco curo alguém.

A melhor resposta pra isso é ainda a espiritualidade. Como eu dizia, o corpo sem vida merece muito respeito, não apenas porque sempre algum familiar ainda quer vê-lo, deseja ao menos a dignidade das cerimônias fúnebres, mas principalmente porque eu acredito que a alma que deixou aquele corpo não repousa tranquila enquanto não se responder o que a retirara dali de repente, entende? O que a arrancou para outro mundo, se foi algo violento, merece ser elucidado, e a alma está ainda ali, rondando, para ajudar, iluminar os caminhos que conduzem à verdade. Por isso inscreve no corpo uma série de respostas, que a mente do médico, se embebida de bom senso, de conhecimento e, depois, de sintonia com a alma que ainda o ronda, irá desvendar. Disse muito?

Porque o caso passaria despercebido por um mau profissional da medicina, já que a causa da morte era tão evidente que pouco se teria de dizer. Recebi o cadáver no Instituto em uma situação simples: um corpo jovem que tinha perdido sangue pelo pescoço, até a morte, com uma caneta que lhe atravessava a carótida comum direita. O informe do hospital dizia que o rapaz havia dado entrada no pronto-socorro quase sem sinais vitais, que se optara por tentar algum tipo de reação antes de qualquer cirurgia, mas que fora impossível reanima-lo. Qualquer médico iniciante, no Pronto Socorro, teria retirado a caneta do lugar onde estava enterrada, para dar condições de apresentação do corpo à família. Mas havia alguém experiente ali que, ao se tratar de morte violenta, preferiu deixar o corpo preservado, para o Legista. Fui eu, então, eu próprio quem retirou a arma letal do pescoço daquele corpo sem vida, não sem antes fazer uma série de exames anteriores.

A causa da morte imediata era muito simples, intensa perda de sangue em virtude do rompimento arterial. Ponto. Mas havia muito mais o que determinar, pela experiência médica. Quer dizer, aquele corpo me dizia que morrer com uma caneta atravessada pela goela não é algo assim tão trivial, não é uma criança que engole um objeto. Aliás, se vocês repararem nas canetas de hoje em dia, as tampas de todas elas têm um orifício na ponta, sabe para que aquilo? Para que haja passagem de ar quando no caso de um infante a engolir, o garoto não se sufoca, estou contando isso para que vejam que nossa profissão sim salva vidas. Entenda: no caso, não era uma tampa travada na faringe, mas uma caneta retirada do pescoço, ferida transversal de ponta a ponta.



Então, vamos falar em causa da morte. Repito: para um médico comum, a questão seria simples: o que causou a morte? A perda de sangue hemorrágica. Por quê? Por um rompimento de artéria. O que causou o rompimento da artéria? Uma lâmina de Irídio (olha ele aí), da pena de uma conhecida marca de caneta alemã, não cara. Essa é a chamada cadeia causal, que poderia ir ao infinito mas que, tal como a artéria do falecido, tem de romper-se em um momento específico, quando já existe um fator determinante longe de o que é ordinário.

A pena de irídio é em teoria resistente, mas ao mesmo tempo tem grande ponto de flexibilidade. A pena tem de ser flexível, e quanto mais o é, melhor ... Se é flexível demais, apresenta o que chamamos de *feed back* ao escrever, e assim a escrita é menos confortável. Mas se não flexibiliza, simplesmente a letra fica pesada e não temos o que se chama de “variação de linha”. Não, eu não sou um colecionador de tinterios, mas sou um médico diligente. Creiam ou não, pesquisei tudo o que estava a meu alcance antes de opinar nesse caso, de afirmar que foi uma mera fatalidade, ainda com os poucos recursos e com uma fila de cadáveres para analisar. Sou um profissional, mas mais que isso: alguém pago com dinheiro público, pago para falar de vida e morte. E para ouvir o que me dizem os cadáveres, porque eles falam.

A caneta em questão, pelo que notei, tem uma pena de flexibilidade bastante considerável. E, ainda que se trate de ouro ou irídio, terminado em forma triangular, não é exatamente um instrumento afiado e cortante. Não é um bisturi, é um objeto de metal, mas razoavelmente pontiagudo e consideravelmente flexível.

Compreendido isso - e vocês não precisam acreditar que o escudo corpos que se me apresentam, basta acompanhar meu raciocínio - eliminamos as questões de fatalidade. As questões de fatalidade, de anormal compreensão estatística que então se atribuem a um destino imutável e muitas vezes bastante sarcástico (e que existem) não podem passar ao largo da mente de um cientista-investigador como eu.

Afastem as fatalidades, eu só faço comprovar o que o corpo me disse: foi característico ou digno de algo ensaiado para uma morte fatal. Não sou um físico, sou um médico, mas tenho que trazer esse espírito de ciência completa, se quero bem exercer a profissão. Se eu fosse um físico experto, desenharia um cálculo exato da necessidade de força e de cálculo angular preciso de o que seria o mínimo necessário para que a tal caneta entrasse por onde entrou, penetrasse e rompesse a carótida. Isso, claro, desconsiderando a matemática, a estatística que dissesse que esse golpe penetrante entrasse justamente naquele lugar que estouraria a artéria. Pense na Física apenas: a força e o ângulo correto. Não pude fazer esse cálculo, que exigiria um laboratório bem melhor que o meu, com cálculo de resistência do Irídio (Irídio não é o cadáver, é o metal) e resistência, agora sim, do cadáver, não enquanto cadáver mas enquanto vivo. Afinal, o cadáver tomou o golpe vivo, não morto, portanto não era cadáver.

Teria de ser um golpe muito seco, muito preciso, no lugar exato e ausente qualquer hesitação. Principalmente porque a caneta entra pelo pescoço muito mais que sua pena, o que significa que quem a cravou soube força-la para dentro. Porque a caneta entrou muito mais que o razoável para uma empunhadura, entende? Um bom laboratório desvendaria tudo isso, mas aqui não é o CSI. O que fiz foi medir a caneta, que salvo engano tinha 14.4 cm, dos quais mais de 10 cm penetraram corpo adentro. Sei que houve um vídeo da morte, que desapareceu (o vídeo, não a morte), e eu morro de curiosidade por vê-lo. Estou curioso porque posso te dizer que o golpe fatal seria idêntico a o que desenhei mentalmente, com meus cálculos, apenas pelos vetores de entrada da tal caneta e essas cogitações de empunhadura e forças, pura experiência de anos de geladeira. Um golpe digno de filme



do Bruce Lee, eu adorava suas lutas. Denotei minha idade, não? O Bruce Lee fazia aquele seriado do Besouro Verde, que vocês não conhecem. Mas foi o que me levou a ser médico forense, porque eu cursava o último ano de medicina quando assisti a um episódio em que o Bruce Lee investigava... Bom, isso não interessa tanto. E tinha o McGyver, esse que já era bem mais recente, esse vocês sabem quem é. Porque, imagina comigo, o McGyver, afundaria um porta-aviões com uma caneta de irídio como essa, não é mesmo? Mas não gostava muito dele. Da época do Besouro Verde mesmo era o Columbo, quem lembra do Columbo? Só mais uma pergunta... Não, eu não vou fazer pergunta nenhuma. Era o Columbo que falava assim: “Só mais uma pergunta”. E com ela desvendava o crime inteiro. Bem pensando, o genial Columbo também foi um dos que me fez médico forense. “Só mais uma pergunta”.

Ah, então. Os senhores estão me perguntando como perguntava o Columbo: “Só mais uma pergunta”. Engraçado. Até os senhores gostaram do estilo dele, sem o conhecer, não? Sabes por que isso? Isso é a alma do falecido nos rondando, iluminando o caminho da verdade, a luz pra guiar nossa estrada, como diz o samba que minha atual esposa escuta. Então o senhor me pergunta se eu acho que foi um homicídio premeditado? Pois a essa pergunta, a chave de todas, não posso responder. Sou um perito, e peritos não acham. Estou aqui há tempos tergiversando sobre seriados de TV, porque não tenho mais nada a dizer acerca do caso, do contrário já teria dito. Aguardo qualquer pergunta sobre meu labor pericial naquele corpo, e eu respondo. O Besouro Verde passava logo antes do Batman, mas era aquele Batman cinza que tinha uma barriguinha, lembra? Não, não lembra. Vocês lembram somente do Batman de que meu filho gosta, Morcego com aquele corpo de halterofilista, não sei não... Sabe, meu filho tem obesidade quase mórbida e, na minha opinião, está é bem velho pra ficar andando por aí com camiseta de super herói. Um homem de quase trinta anos, com camiseta do Batman, pode? Camiseta enorme, diga-se de passagem, não sei onde ele encontra aquilo pra comprar. Se ele gosta mesmo de super herói, deveria fazer exercício pra ficar igual a eles, e não ir atrás de camiseta XXXL. Olha, se meu filho tivesse uma barriguinha igual do Batman do meu tempo, já estava bom demais, porque eu acho é que o garoto está em sério risco de infarte e derrame, com aqueles milkshakes que ele toma. Trinta anos, tomando leitinho com açúcar? Não me estranha que esteja daquele tamanho, andando da sala de TV pra geladeira com sua camisa de Batman e seu passo do elefantinho. Querem saber algo mais, eu continuo falando.

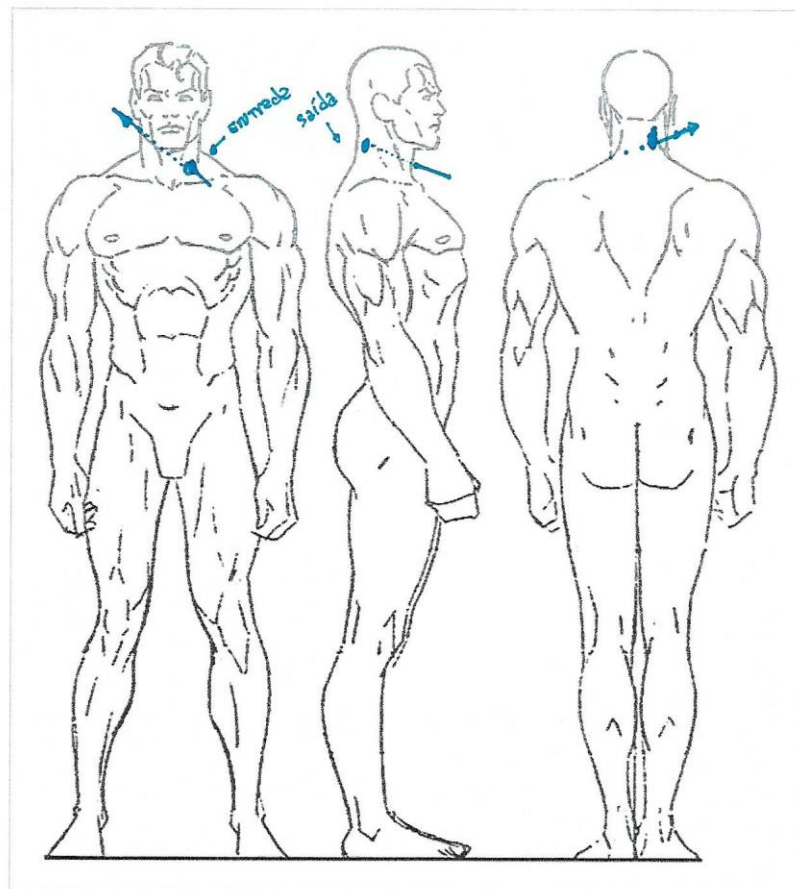


- III -

**DESENHO
MÉDICO – LEGISTA**



III. Desenho Médico Legista



Moises Sabadell



- IV -

DEPOIMENTO :

ARETHA GARALL



IV. Aretha Garall

56 anos,
Delegada de Polícia

Claro que sei por que me chamam a depor. Na hora, no plantão da delegacia, o único que fiz foi liberar um cidadão que não havia cometido qualquer delito, porque tem direito à defesa, quando ausente o Estado. Eu assisti o vídeo, que creio que todos aqui viram, e daí nada mais fiz que cumprir a lei: um jovem que soube defender-se de uma agressão foi liberado imediatamente, por inexistência de crime. Ou por causa justificante. E um brutamontes morto, através do uso moderado (moderadíssimo, eu diria), dos meios necessários, de o que estava ao alcance do agredido. Uma caneta tinteiro não é exatamente uma típica arma letal. Eu faria tudo de novo, se me perguntassem, mesmo conhecendo todos os detalhes da história, que não me chegaram no momento, no Plantão. Bom, alguns detalhes sim apareceram naquele instante, outros vieram depois, eu conheço até pela imprensa, mas não mudam o essencial. São circunstâncias, perfumaria, que não modificam a essência. Claro, para que não digam que não colaborei com a justiça, conto como tudo ocorreu.

Eu estava no Plantão da Delegacia da Metrópole, quando chegaram três ou quatro viaturas de militares, gente conhecida - e séria - do nosso cotidiano. Traziam vários jovens, todos que seriam nominados no Boletim de Ocorrência, mas, de memória, te digo que eram oito ou dez. Um deles, magro, com longos cabelos avermelhados presos por cima, como num coque, não sei. Coisas da juventude. Esse estava sereno, com uma camisa branca ensopada de sangue (que a princípio pensei que fosse sangue dele) e as mãos algemadas para trás. Ele me mirava de frente, direto, e isso me sinaliza ocorrência diferenciada. Quer dizer, das duas, uma: ou se está diante de um inocente, ou de um criminoso muito convicto. De qualquer modo, diante de alguém que acredita em si mesmo, que diz que agiu com razão, ou que assume que deve pagar por seu erro. Honra, coisa rara hoje em dia, algo que lhe afirmo da cátedra de vinte e oito anos de balcão de distrito. Sou uma das primeiras delegadas do Estado, e ainda atendo em plantão, porque não suporto a burocracia institucional: nasci para o corpo a corpo, e isso eu domino. De acordo? Sou do chão da fábrica, da ocorrência, dos dramas no momento em que se deflagram. Um dia, se vocês me permitem contar... um dia, um promotor de Justiça, como me fazendo um elogio, disse que eu 'não gostava de papel'. Entendi sua intenção, ele queria dizer que minha preferência era a investigação, a ação, acho que nisso tem até um pouco de sentido, mas depois refleti que não é assim. Porque eu gosto de papel e muito, quer dizer, de passar para o papel toda aquela realidade complexa, confusa e sangrenta que aparece no plantão. Um trabalho de fotografia, de pintura da realidade, isso não é burocracia. Depois de meu trabalho, então sim os senhores fazem o que quiserem intelectualmente: interpretações, doutrinas, o que seja.

Vamos lá. O tenente apresentou o rapaz diante de mim, olhos ainda alçados. Do jovem e do tenente, e me disse, "Isolamos o indivíduo porque ele estava pra ser linchado, parece que é caso de trote na Universidade Pública", eu pedi mais esclarecimentos e o militar respondeu apenas "Foram arrancar os cabelinhos dele e o sujeito reagiu, enfiou um ferro na jugular do homem. Ele está no hospital". Como forma de atenção, o tenente segurou nos cabelos do algemado e puxou seu coque para cima, fazendo com que este



levantasse ainda mais a vista. Das tantas cenas a que assisti em meus plantões, posso garantir que não esqueço os dentes brancos e alinhados que se mostraram em seu sorriso, como se me afirmasse que tinha orgulho. Ou honra, repito. Não sei.

Note, todos ali somos experientes, minha equipe da delegacia, os militares. O principal no momento era evitar que qualquer dos conduzidos ali escapasse, viam-se que eram todos jovens e, à exceção do algemado, todos covardes e apreensivos. Não gostavam de estar ali, não falariam o que viram. Resumo da história: pedi que o tenente o conduzisse à minha sala de interrogatório, e o deixasse ali algemado por um tempo, sentado, servindo-lhe um pouco de água. Água é bom para soltar as palavras. Enquanto o jovem estava na minha sala, atado e absolutamente sozinho, passei para a recepção, a fim de entrevistar todos os outros estudantes, ao menos ver os rostos e colher a informação global do caso, antes do interrogatório. Da oitiva do flagrante, entende?

Olhei a todos, uns oito mesmo. Quatro mulheres, quatro homens, talvez. Entre eles, um rapaz mais gordinho, com roupa manchada de tinta de várias cores e que aparentava ter no máximo vinte anos. Só depois saberia quem era ele. Perguntei, como pergunto sempre, se alguém detinha alguma prova maior para me apresentar sobre o caso, além do testemunho que deveriam, claro, prestar para o auto de prisão, para a ocorrência. Todos eles negaram ter qualquer informação, inclusive o mais fofinho. Afirmavam genericamente que mal tinham visto o tumulto, a agressão que, naquele momento, não sabíamos que era letal. Que houve uma tentativa de trote e uma reação rápida do rapaz, calouro da faculdade, que cravara um objeto no pescoço do veterano, este que tentara inocentemente tosar-lhe os cabelos. Era tudo o que se sabia, quando retornei à sala de interrogatório. Para o nosso protagonista, o agora réu.

O algemado estava ali. E algemado, claro. Quero dizer, e atado a um ferro que fica à parede, por apenas uma das mãos. Garanto, então, que ele estava confortavelmente sentado para falar comigo, e a corrente não era mais que um procedimento-padrão de segurança. Só ele e eu na sala. Veja, a lei me permite investigação prévia, eu assegurei a ele que nada de o que ele me dissesse seria a versão oficial no Boletim de Ocorrência ou no Auto de Prisão: eu só queria saber o que ele podia me elucidar. Novamente, me olhou nos olhos pra dizer algo muito próximo a “Então, doutora, eu passei na faculdade e fui hoje fazer minha matrícula. Agora há pouco, no Curso de Engenharia. Fui aprovado no vestibular mais concorrido do País, então tenho direito a me matricular e cursá-lo, se assim desejar. Mérito meu, não?”. Eu assentia com a cabeça. “Entre ali no prédio da universidade, fiz a matrícula, e simplesmente avisei que não queria cortassem meus cabelos. Gosto muito deles, cuído deles. Disse, assim, a todos os veteranos que me abordavam: não permitirei que toquem meus cabelos”. O rapaz era assim, falava com bom vocabulário, apurado, e pausadamente. E seguiu, algo como “Então, logo depois da matrícula encontrei a um amigo, conhecido de outros tempos”. Já achei estranho alguém que não deveria ter mais de vinte anos dizer ‘de outro tempo’, mas isso é parte da arrogância juvenil. Ele continuou: “Esse meu amigo veio me avisar que os veteranos estariam me esperando na saída do portão final do prédio, para cortar meus cabelos. Um pátio gramado, que eu obrigatoriamente teria de cruzar, se quisesse sair do prédio. E, como eu já havia tentado fazer a matrícula, é claro que queria sair do prédio. Pois bem. Esse meu amigo continuou me avisando: que eu não reagisse, porque o trote era uma tradição, e a coerção era forte. Meu amigo, doutora, não usa essas palavras, mas foi nesse sentido. Ele falava não entender exatamente por que eu estava ali (esse era outro tema), mas que eu deveria pensar na alegria de uma aprovação daquela. Afinal, querendo ou não ser um futuro engenheiro, eu conquistava algo sonhado por tantos brasileiros. Com tão poucas vagas na universidade pública, blá, blá, esse velho discurso. Eu respondi a ele que a alegria ou a tristeza de estar



ali era problema meu. A doutora entende? Estar alegre ou triste por essa aprovação, por me matricular na Engenharia, era questão simplesmente minha”.

Fiquei mais curiosa em ouvi-lo, a partir daí. Porque já não precisava ser gênio para intuir que haveria, como eu costumava dizer, um ‘curso anormal dos fatos’, embora tenha que repensar essa expressão. Porque a anormalidade está ficando mais normal. De qualquer modo, a história estava mais complexa de o que parecia. Pedi então permissão – pedi mesmo – para acender um cigarro naquela saleta que, claro, não tem janelas.

Ele disse que não se incomodaria, caso a nicotina me ajudasse a entender a história. Sim, ele era um petulante, mas eu não podia negar a verdade: queria fumar porque a droga me permite continuar concentrada, sou uma viciada assumida. Com fumaça entre nós, ele seguiu “Falei com esse moço, o Gino, que ele não tinha direito de me interpelar ali e me falar sobre tradições. Que, em minha cabeça, o mundo era diferente, e o mundo era um pouco o que eu faço do mundo. ‘O mundo tem de me conhecer’, eu disse a ele.” Estranho, porque nesse momento ele não parecia arrogante, embora as palavras soem assim. Eu acreditava nele. Segui escutando: “Gino começou a me falar uma série de coisas que não vêm ao caso, até que eu lhe pedi simplesmente: ‘Faça um favor: junte-se a teus amigos veteranos e grave minha reação ao trote. Eu vou convencê-los a parar com isso.” O rapaz fazia uma narrativa detalhada, e agora aportava algo mais interessante: provas concretas, um vídeo de celular. Está ficando cada vez mais comum trabalhar com indícios assim, eu achei ótimo. Pedi que ele continuasse “Teu amigo filmou tudo?”, e ele assentiu com a cabeça. Como eu o deixava à vontade, ele se desviou para o que lhe era mais importante. E era mesmo: “Eu sou educado. Sou um cara humilde, que tem poucos apegos. Um deles, doutora, minha caneta que meu pai me deu. Meu pobre pai, ele usou uma caneta tinteiro a vida toda, barata. Algumas vezes eu a carrego comigo, quando estou em dias especiais. Como pensei que seria hoje um dia importante [notei que ele não disse ‘alegre’] para meu novo início de carreira, eu a trouxe comigo”.

Quando vi que por onde ia a conversa, chamei meus investigadores. Disse que todos os jovens que estavam na antessala da delegacia deveriam enfileirar-se, mantidos incomunicáveis. Normal, porque eles já estavam sendo envolvidos. Fosse uma delegacia mais estruturada, todos estariam em salas separadas, porque qualquer troca de informações ali já dificultaria o aparecimento da verdade. Bom, algo mudaria meu convencimento em relação a isso, mas eu conto a seu tempo. O jovem continuou, sereno: “Fui tentando sair do edifício da faculdade, e de fato, conforme avisado, veteranos me cercaram no tal pátio gramado. Homens e mulheres. Disseram que passariam máquina nos meus cabelos, talvez (isso eles não disseram) porque eu cometia o crime de ter cabelos longos e bem cuidados”.

Enfim?, eu perguntei. “Enfim, eles me cercaram e eu me neguei. Disse claramente: ninguém me toca, ninguém corta meus cabelos. De fato, até então ninguém me havia tocado, sequer um empurrão, doutora”. Eu, simples autoridade ouvinte, apenas assenti com a cabeça, ou disse algo como ‘Entendo’. Ele completou: “Aí me empurraram, a roda se abriu e vieram dois sujeitos. Enormes. Um deles, o maior, veio de frente, ou outro nem vi direito. Ele tinha uma tesoura na mão. E disse ‘Bixo, ou corta esse cabelo ou vai apanhar’, e eu só respondi ‘Não corto. Apanhar é com você, se estiver pronto pra isso’. Ele segurou meu ombro, fechou a tesoura nas mãos, e veio me dar um soco, mão fechada, no rosto. Eu desviei. Tentou me chutar, eu me esquivei. O outro se aproximou, talvez pretendesse me segurar, foi então que eu tirei a caneta da gola da minha camisa, destapei-a e investi contra o sujeito. O grandalhão, que veio primeiro, quando ensaiava outro soco. Seu



companheiro, o da retaguarda, de cujo rosto eu realmente não recordo, quando viu sangue, saiu correndo. Acho que foi assim”.

O algemado sequer mencionou ‘defesa’, lembro bem. Minha cabeça estava em terminar aquela conversa e conseguir as provas materiais. Então eu perguntei: você o feriu com uma caneta?, e ele apenas balançou a cabeça, com os cabelos lhe caindo aos olhos Perguntei, E novamente, Onde está essa caneta?

Ele tentou se levantar vagarosamente, mas a algema não lhe permitia esticar de todo. Colocou a mão esquerda no bolso direito de sua calça jeans, com a dificuldade natural daquela posição. Retirou dali uma tampa de caneta de metal dourado, e só disse assim:

“Tenho só a tampa. O corpo da caneta deve estar cravado no pescoço da vítima, se os médicos ainda não tiraram”. “No pescoço da vítima”, ele disse assim textualmente.

Foi eu segurar o tal objeto, com algum ritual, para entrar o tenente na sala, com a informação: a vítima, no hospital, fora a óbito. Os militares de lá acabaram de avisar-lhe. Eu impedi o policial de passar qualquer recado diretamente ao investigado, se é que vocês me entendem. E precisaria fumar um cigarro. Não, não ali. Agora. Agora preciso fumar um cigarro, pra poder lembrar dos detalhes mais burocráticos. Tenho esse vício.

* * *

Daqui pra diante é bem mais simples. Fui à recepção, onde estavam todos os estudantes, isolados na medida do possível. Perguntei quem era Gino, que se apresentou, era o tal rapaz mais gordinho. Perguntei se trazia seu celular, respondeu gaguejando que não. Perguntei de novo “Onde está seu celular”?, talvez com um palavrão no meio, e ele contestou que o havia perdido. Virei as costas e voltei para minha sala, mas encarreguei meu tira das conhecidas providências. Em dois minutos ele apareceu com os três: o celular, o Gino e uma colega dele, quem, me disse o tira, escondia o celular dele no próprio bolso. Ok, eles não tinham a mesma sinceridade do nosso algemado cabeludo, e Gino caía em prantos como uma princesa traída.

E o que havia no vídeo? Bom, esse é um tema difícil. Mas eu posso garantir: no vídeo estava a cena como o flagranciado me havia narrado. Com alguma diferença de percepção, no geral, era a mesma cena. O tal Gino havia filmado tudo, e com competência. Infelizmente, o importante aqui é narrar a cena não do vídeo, mas de como assistimos a ele: Gino a princípio segurava o celular, trêmulo, porque eu ordenava que ele nos mostrasse o vídeo. Afinal, nada como ver diretamente das mãos da cinegrafista. Mas o menino tremia muito e não conseguiu sustentar o aparelho. O tenente segurou o celular e assim assistimos a primeira vez ao vídeo: o casal de rapazes do celular, o tenente e eu. Quando terminaram as imagens, eu não poderia fazer outra coisa: mandei soltar as algemas do jovem. Aliás, se bem me recordo, eu mesmo as destravei. Poucas vezes vira um exemplo tão clássico de legítima defesa. Agora está o flagranciado está livre, certo? Ele, eu e o tenente, que ficou na sala e, pelo que me lembro, mostrou o vídeo a dois assistentes meus que entraram para seus afazeres, e ao próprio jovem liberado. Ele tinha direito de assistir, porque afinal era o protagonista da gravação. Repito, um belo trabalho de cinegrafista o do Gino. Tem futuro o rapaz.

Sem algemas, ele ficou solto e protegido. Eu começava então meu verdadeiro trabalho, de papel: atender, produzir documentos, ouvir tudo o que seja necessário para o processo de informação, e isso é algo de que me orgulho. Não direcionei nenhum tipo de depoimento, já me antecipo a eventuais acusações de advogados. De um advogado em específico. Simplesmente afirmo que estava convicta da legítima defesa, porque tinha visto a cena. Mesmo assim ouvi a todas as testemunhas. Do meu jeito, mas ouvi. Inclusive a



longa, confusa e chorosa versão de Gino, que voltou falante como a Nêga-do-Leite, talvez drogado. Gino tentou encher a cena de matéria de fundo, que, pra quem tinha visto o vídeo, interessava pouco: amores não correspondidos, estupros ou transas nas festas de faculdade, homens querendo ser heróis, homossexualismo enrustido, rituais de iniciação ultrapassados, valentões perdendo sua sugesta. ‘Sugesta’ é um termo que vocês já não dominam, mas enfim aí está. Documentei tudo, como é meu dever, e até busquei identificar uma moça que aparecia no fim das filmagens, a única que socorria o agredido, mas disseram que ela não estava ali na delegacia. Aparentemente, estava no hospital acompanhando o cadáver. Então já cadáver. Mas as imagens falavam por si: o agente se defendeu de uma agressão, e isso era objetivo. Se, por detrás dessa situação exterior de defesa, havia outras motivações ou subjetividades, não interessava para mim. A lei não castiga quem age para preservar a própria vida, e espero que siga sendo assim. Quando deixar de ser, viveremos o caos que alguns de vocês querem implantar no país. Vocês, sim. Desculpe, estou mais descontraída. É que vou tomando confiança.

Algo mais que queiram saber? Então organizemos três assuntos, certo? Eu sou uma organizadora, como disse, então vamos a três temas distintos: (i) o destino do vídeo feito por Gino; (ii) o trote na Universidade; (iii) a motivação do agredido em sua defesa. Pode ser assim?

(i) O vídeo estava no celular do tal Gino, por sua vez escondido no bolso de outra colega. Assistimos tudo. Já disse: o tenente, Gino, sua amiga que tentara sumir com o aparelho e eu. Bom, se os meninos não olharam ou não a tela, não lembro. Recordo, isso sim, porque tenho boa memória documental, que o vídeo tinha dois minutos e quinze segundos de duração. Isso permite bem calcular a cena, se é que vocês ainda o entendem necessário. Aliás, o tenente e eu avançamos e voltamos o vídeo, nos vinte segundos específicos do golpe de Moisés e contragolpe de Hermógenes uma dezena de vezes ou mais. Claríssimo. O vídeo foi reproduzido integralmente outra vez, pelo próprio tenente, desta vez para dois investigadores e para o jovem dos cabelos avermelhados, certo? O celular ficou com o tenente, que me o devolveu aproximadamente uma hora depois, quando nós estávamos todos na sala do escrivão, para colher o flagrante. Nessa hora, já estavam dois advogados, conhecidos ali. Nenhum deles para acompanhar o flagranciado. Na verdade, um aparecera em nome, acho, do Centro Acadêmico da faculdade, algo assim. Outro, já intitulado advogado da família do agressor falecido. Com a notícia de sua morte no hospital, a família, bem influente pelo que notei, trazia advogado àquele ato que, na cabeça deles, seria uma prisão em flagrante. Eu não tenho nada contra esse advogado, veja, apenas me irritava que ele viesse à minha delegacia, com toda a autoridade de dono de grande escritório, questionar minha decisão de liberar o menino conduzido, antes de ter qualquer informação sobre o tema. Então tomei a seguinte providência: chamei em minha sala os dois advogados, meus dois investigadores e o tal Gino. Coloquei o celular sobre a mesa e passei mais uma vez o vídeo, para que todos vissem. Os bacharéis assistiram aos dois minutos e dezesseis segundos e puderam apreciar atentamente cada cena, o que creio que lhes coloca, dada a atual situação, na condição de testemunhas acerca do conteúdo. Novamente, os quinze ou vinte segundos da agressão foram repetidos ao menos cinco ou seis vezes. Foi o momento em que mais me estressei com Dr. Abranches, esse advogado da família da vítima (pseudo-vítima, em minha opinião, porque melhor seria denomina-lo agressor), porque ele começou a falar muito alto, dizendo que eu parasse de repassar aqueles segundos específicos, porque o vídeo não comprovava absolutamente nada, que ele havia visualizado um homicídio claríssimo, doloso. Bom, eu só posso dar certeza que a cena a que ele assistiu foi a mesma a que assistimos todos nós. Ah, ele gritava que o vídeo



era suspeitíssimo, porque como pode um crime ser filmado assim, essas coisas. Mas nisso eu acho que existia inexperiência ou má-fé dele: todos os jovens de hoje, na classe média, sacam um celular do bolso pra fazer filme mais rápido que Clint Eastwood tirava o revólver do coldre. Não se tratava de nada inusitado, eu disse isso claramente ao Dr. Abranches. Mas ele não queria entender.

Agora, o problema. Eu lembro exatamente de haver colocado o tal celular na minha gaveta. (Gino veio até pedir pra eu devolver, eu disse que estava apreendido e pronto. Que esperasse o auto de apreensão.) Gaveta de uma mesa que não é exatamente a minha, é uma mesinha reservada ao delegado quando naquela sala maior de oitivas, que é a sala do escrivão. Muito bem. Deixei ali. E ali colhemos todas as declarações, com aquele movimento de sempre: os dois advogados, meus escrivães, os estudantes, um ou outro policial militar e eu. Durou no máximo quarenta e cinco minutos, porque as declarações foram muito sucintas. Não quis ficar escutando quem ama quem, quem gosta de homem ou de mulher, ou de árvore, nada disso. Claro que os estudantes tentavam, como é próprio deles, insinuar que eu era preconceituosa porque não queria ouvir o que sabiam sobre quem é gay ou não, mas na verdade não me interessava, por dois motivos: primeiro, porque não tem nada a ver com o objeto da ocorrência. Depois, porque a maioria deles conhecera as tais “importantes” histórias de amor ali mesmo na delegacia, enquanto aguardavam pra depor. Ou seja, era prova precária. Queriam fazer fofoca, em lugar de dizer o que viram. O que viram, mesmo, não queriam dizer. É normal. Então eu os mandava calar a boca quando começavam com João-ama-José-que-ama-Maria, porque acho que amar não é crime. Com seu corpo cada um faz o que quer, e com o do outro também, se houver consentimento. Bom, tudo isso pra dizer que o auto de flagrante é curtíssimo por conta de minha objetividade: quem viu a cena a descreva; quem não a viu, que se cale. Isso agiliza o serviço público, afinal aquela não era a única ocorrência do Plantão.

No fim desses quarenta e poucos minutos de lavratura de auto, dispensei a todos e fui, com o escrivão chefe, ver o vídeo. Assumo, fui eu que abri a gaveta para pegar o celular e lavar o auto de apreensão. Quando segurei o celular, notei algo estranho. Liguei-o para assistir ao vídeo e já me dei conta: não era o mesmo aparelho. Mesmo modelo, mesma cor, mas era outro. Já pesquisamos o aparelho, como sabem: procedia de um furto registrado dias antes. Tenho meus suspeitos sobre o caso, mas aqui não é lugar de investigar.

Chamei imediatamente o Tenente, os dois escrivães que haviam assistido ao vídeo, o advogado do Centro Acadêmico e fizemos um relato comum. Um dos escrivães, apenas, que disse que não se lembrava do vídeo por completo, então não quis assinar o termo. Disso, os senhores tirem suas próprias conclusões. Mandei o celular falso para a perícia, mas claro que não vão encontrar pistas de quem o colocara ali.

E, antes que vocês perguntem, não existe sistema de câmeras em nenhuma sala nossa, apenas nos corredores. E olhe lá. Os motivos disso tampouco preciso declinar, certo?

(ii) Nosso segundo assunto, o trote: há problemas sim na minha delegacia, nesta época do ano, como em todas os distritos que ficam nas cercanias de universidades tradicionalmente violentas na recepção. Mas eu desenvolvi uma fórmula pra lidar com isso, que creio que não é só minha: recebo a queixa e descrevo os fatos, abstraindo totalmente que existia a tal prática violenta. A única diferença é que, por haver essa circunstância especial, observo se ocorre o consentimento absoluto do vitimado. Se houver, há outros efeitos. Do contrário, é só isolar mentalmente o trote, porque ela não traz qualquer



consequência jurídica. Então, retirando do contexto, sobram as condutas penais de sempre: constrangimentos, cárcere privado, lesões, estupros, até homicídio. Mas observem: por essa mesma regra, o vetor contrário tem de ser verdadeiro. Quero dizer que, de situações evidentes de defesa justificada a uma agressão, há também que se abstrair o trote. Foi o que fiz aqui, correto? Soltei o cidadão e fiz constar no próprio boletim de ocorrência que havia uma causa justificante evidente. Com trote ou sem, foi um golpe único desferido em uma manada de agressores. Até mais fácil de identificar, porque, se houve reação da vítima do trote, é porque não havia consentimento ao ato, certo?

Foi essa minha interpretação, e acho que não se altera. Pode haver opinião diversa, mas a minha me parece bem razoável.

(iii) Terceiro, a conduta pessoal do tal... Como se chama ele? Hermógenes. Eu notei logo de início que o tal jovem era diferenciado. Mas claro, são tantos os casos que já passaram pelo meu plantão, que mesmo a diferença se faz rotina. Quer dizer, ele é diferenciado porque tem a interessante marca de quem matou por uma motivação especial. Nem por isso é raro ou único. Na minha opinião, ele é daqueles obcecados comuns, que fazem de tudo para aparecer para o amor não correspondido. No estilo do sujeito do John Lennon, do Taxi Driver, daquele outro que quis matar nossa top model. Aliás, esse caso é curioso, porque teve legítima defesa também e um promotor resolveu que... Bom, voltemos ao ponto. Existe a motivação, mas eu não iria investiga-la ali. Pessoalmente acho muito interessante essas histórias: traição, amor não correspondido e tal, mas sou uma profissional: se elas não são objeto da cena do crime, prefiro deixar os romances pra novela das nove. Que nem vejo mais.

Uma última consideração, se me permitem. Estou sofrendo uma representação pelo Dr. Abranches. Dono de um grande escritório, um sujeito competente, mesmo que explorador. Gigolô de puta velha, porque vive exibindo que é do escritório do Doutor Calatrava, esse sim um criminalista de nome. Por onde andar o velho Calatrava? Foi meu professor. Desculpe, não quis dizer que o Professor Calatrava é puta velha, é que tomei confiança aqui. Quis dizer, sim, que Abranches é gigolô e me acusa de ter sido negligente ao conduzir o flagrante. Mais uma mentira dele, e eu repito: pessoalmente ele até me cai bem, nada contra. O problema é que eu mexi no bolso dele, e ele ficou uma arara. Digo, figurativamente. Sim, óbvio que a arara é metafórica, digo que “mexer no bolso” foi figurativo também. Quando eu o coloco como testemunha do vídeo e como um dos grandes suspeitos pelo desaparecimento do celular, afasto-o naturalmente da condução do caso como assistente de acusação. E aí ele perde holofote, deixa de ganhar um belo dinheiro que a família iria lhe pagar. Pensem nisso, porque estou sendo difamada, ele virá me atacar. Pensando melhor, é bem capaz de ele continuar pedindo dinheiro para a família do falecido Moisés, e seguir manipulando o caso sem aparecer. Seria a cara dele: os bastidores. Acho.



- V -

DEPOIMENTO :

JUAN SACROMONTE



V. Juan Sacromonte

31 anos,
economista

Tenho condições de ofertar uma boa descrição de Hermógenes porque sou argentino, sabe? Não que os argentinos saibam mais que os outros, não necessariamente, embora... mas eu digo que “sou argentino” porque somos um povo viciado em psicanálise, não é assim? Então meus anos de terapia me fazem refletir sobre inclinações do caráter, e me sinto capaz de dissertar acerca de o que é meu grande amigo Hermógenes de modo nada inexato. Não sei até que ponto isso interessa pra vocês, mas vou contar o que lembro, o que acho que está relacionado à capitulação final. À morte.

Não convivemos tantos anos, Hermógenes e eu, mas o fizemos muito intensamente. Eu vim de Buenos Aires para estudar português, meu plano era em viver na Metrópole até o fim dos meus dias. Ou pelo menos por um triênio. Eu tinha 26 anos naquele tempo, ele acabava de fazer 18. Jamais oculteí dele que tenho muito dinheiro, coisas de família, meu pai é morto e minha mãe está em um hospital para enfermos mentais já faz anos. Sou aquele tipo de filho único que se descobriu rico de um momento a outro, extremamente indignado com a situação do mundo, querendo não ter mais de ver toda semana no sanatório os olhos distantes de minha mamãe, falando sobre dinheiros em bancos e lagartos gigantes que sobem as paredes, com aquela mirada ao infinito inconsciente, então decidi a “poner tierra de por medio”, como dizemos. Veja, acredito que falo bastante bem o idioma de vocês, mas tem algumas expressões que ainda penso que não podem ser traduzidas, e isso é relevante porque nossa amizade começa aí. Hermógenes e eu desenvolvemos uma amizade indelével por conta de expressões idiomáticas, inconformismo e relógios caros. Sim, são os três eixos da nossa indestrutível amizade. Talvez haja um quarto, quem sabe.

Vou começar um pouco pelo fim, caso não se importem. Saí de São Paulo há três anos, depois de quase perder a vida em um semáforo. É uma história longa, que acho que não cabe aqui, mas minha vida estava ameaçada então tive de, olha aí novamente, “poner tierra de por medio”, me mandei pra Colômbia, depois pra Irlanda uns bons meses, agora Bolívia onde estou. E umas viagens por este planeta, que eu gosto de estudar as coisas ao vivo e não sou muito afeito às tecnologias, principalmente quando ela capta som e fotos. Vocês não imaginam como, para mim, um descendente direto dos Mapuches, é difícil usar esta videoconferência. Parece que estou sendo engolido pelo computador, que ele leva minha alma. Nestes três anos falamos Hermógenes e eu pouco, ainda que as notícias essenciais fossem sempre repassadas. Eu ligava pra ele e sempre dizia “Sigo en esta dimensión”, um código nosso, uma forma carinhosa de confirmar que estamos vivos, ainda que muito distantes. O que significa que vamos nos juntar ainda, porque somente será impossível o reencontro quando algum de nós mudar o plano dimensional. É isso, “los silencios no aplacan los sentimientos”, ele repetia essa frase que eu lhe ensinei.

O que melhor sei dele, então, remonta três ou já quatro anos atrás, mas dali, repito, sei muito. Depois tivemos mais dois encontros, porque sempre o via quando passava pela cidade. Ele cumpriu 18 anos e entrou na Faculdade de Cinema, o que pra ele era um sonho. Logo percebeu que da Faculdade gostava de algumas partes, mas acho que isso era natural em qualquer curso. Eu havia terminado minha Economia em Buenos Aires, com



um mestrado nos Estados Unidos, mas o que eu queria fazer com meu diploma vinha pouco ao conto. Não interessa ao caso, eu quero dizer.

Neste ponto voltamos: eu chegando da Argentina para morar em São Paulo. Neste momento do relato estou sozinho, em *flat* em um bairro da Metrópole paulista, acho que 2014. Um *flat* em frente a uma praça, e nessa praça, às 20h, todas as noites, encontravam-se pessoas que passeavam com seus cachorros. Um dia eu cruzava a praça e um cão, um Rottweiler que mais parecia um bezerro, veio correndo pra cima de mim. Fiquei imóvel. O bicho pulou sobre este corpo Mapuche que não é fraco, me derrubou ao chão e, como fazia o dinossauro do Fred Flintstone, me lambeu todo. Se a ideia do Dante fosse outra que não me fazer carinho, tenham certeza, eu não estaria aqui contando esta história. Dante, o Rottweiler, pelo que sei vive ainda e é mais manso e simpático que uma freira. Supondo que freiras em geral sejam e simpáticas, claro. Por conta do episódio, travei amizade com todos ali da praça, quando se amontoaram ao meu lado para pedir desculpas pelo assustador rompante de carinho do Dante, entende? Foram pessoas amáveis a princípio, o que me fez visitar a tal praça todas as noites. Com essas conversas regulares de início de noite, eu fazia amigos e aprendia idioma.

Hermógenes frequentava a praça naquele horário noturno. Vinha da academia, não tinha cães mas os adorava. Seu cotidiano era assim: naquele primeiro ano estudava para o vestibular, ia para a academia e depois vinha ver os cães. Eu falava muito, praticando português, mas a verdade é que, depois de algum tempo, notei que nem todos ali tinham paciência com um estrangeiro. Então numa dessas tardes alguém me interpelou muito secamente, pra dizer “não entendo seu sotaque, Maradona!”, e esse jeito mal-educado provocou a ira imediata do jovem Hermógenes, que no entanto controlou-se pra dizer apenas firmemente: “Meu velho avô dizia que, quem tem sotaque fala um idioma mais que você”. Genial, não? Ficamos amigos ali mesmo, para sempre, nesta dimensão e nas demais. Ele me contou que seu avô paterno era italiano, já falecido, mas que jamais havia dito essa frase. Essa frase, ele ouvira na TV. Achei bonito.

Hermógenes morava na parte feia do bairro. Casebres muito antigos, pequenos, que a especulação imobiliária por milagre deixou intactos. Sua dificuldade financeira era grande, mas ele parecia não se incomodar com dinheiro. Contou-me que sua mãe era uma negra linda e velha, que há anos tinha uma disfunção renal seríssima que a impedia de trabalhar, e seu pai um guarda-livros (ele usou essa expressão) de uma empresa familiar. Demorou, se bem lembrado, talvez meses para que Hermógenes me contasse isso, aceitasse que eu lhe pagara o primeiro café, a primeira cerveja, mesmo eu repetindo sempre que, para mim, dinheiro não era problema. Meu pai foi um Mapuche espertalhão que entrou para a política cedo e vendeu todas as terras da sua já extinta aldeia para as concessões públicas. Morreu de repente, deixando este seu único filho, rebelde contra o sistema, uma viúva enlouquecida e uma herança milionária, de que sequer os Mapuches ou os cofres públicos argentinos alguma vez pediram devolução. Então, havia dinheiro para várias cervejas - meu grande amigo da Metrópole sabia disso, mas jamais me pediu um real. Ou que lhe pagasse a cerveja.

Um dia ele me aparece com uma moça que se apresenta como namorada, gente finíssima. Bom, pra resumir: no primeiro bar a que vamos os três, a menina me puxa de lado pra dizer que está apaixonada por mim, Mas e o Hermógenes?, Ela ri e bebe mais do caro daiquiri que eu lhe pagava, “Só você não vê que ele é gay, Juanito?”. É, eu não vi mesmo. Também não me interessava, não me fazia a menor diferença. Pensando bem, naquele momento fazia sim, porque me autorizava a passar uma noite com a moça, sob a expressa concordância de Hermógenes. Moça que hoje me odeia, mas isso não vem ao



caso. Enfim: dotado dessa liberdade de quem estourou um tumor e agora respira fora do armário, ele e eu ficamos ainda mais amigos. Conversávamos sobre tudo.

Um dia ele me desafiou. Amigos são assim, desafiam. Porque eu sempre me intitulei um Mapuche revolucionário, latino-americanista, mas usava no pulso, como ainda uso, um relógio suíço caríssimo. Hermógenes, eu dizia, me provocava repetindo que eu me gabava de anti-capitalismo, mas usava um relógio que provavelmente pagava quase um automóvel. Eu apenas sorri como resposta, porque o pensamento era justo o contrário. Ele seguiu questionando, e eu tive que retrucar calmamente, com minha cerveja mexicana, Veja, eu disse a ele, esse foi um relógio que meu pai me deu quando eu fiz quinze anos. Como um rito de transição, o relógio caro anunciava que eu poderia partir para a vida adulta.

“Um anarquista elogiando um Rolex, é isso?”

Ignorei totalmente a frase. Eu não tiraria aquele relógio do pulso por motivos bastante distinto daqueles que motivaram a que eu o recebesse, mas é verdade que Hermógenes, com sua sagacidade, tinha ido exatamente ao ponto, quando disse que o relógio valia um carro. Se meu pai pudesse, me daria não um Rolex mas um Porsche, para anunciar que eu era um adulto rico, mas como eu tinha quinze anos ainda, e ele metido na política... eu precisava ser bom filho. Aparentar riqueza e classicismo europeu - eu, o filho do Mapuche - então não podia ainda ter um automóvel. Claro, o dinheiro para pagar o presente suíço vinha de alguma obra pública no território indígena, se não fosse diretamente um mimo concedido por uma empreiteira. Meu velho pai, que em paz descansa. Para ele, meu ritual de passagem era um caro relógio de marca,...

- E para o Mapuche, o que significa essa bagatela no teu pulso?, ele questionou.

Respondi, naquele balcão de bar, que não pensava naquilo como algo caro, porque me transformaria, mesmo que indiretamente, num receptor de mercadoria apropriada do povo Mapuche. Me fixei em que o tal relógio tinha algo que se chamava “Garantía de por vida”. Lifetime, Lebensdauer, adoro essa palavra. Algumas palavras só fazem sentido em língua estrangeira, me disse alguém. Significa que era uma peça cara, caríssima, que para outros seria símbolo de status mas para mim importava que me prometiam que aquilo funcionaria a vida toda. Não é lindo isso? Pela promessa da fábrica, eu vou morrer e ele seguirá marchando, sem gastar qualquer bateria, sem prejudicar o meio ambiente, porque trabalha com o movimento do corpo, algo que preocupava aos suíços muito antes de se falar em energia limpa. Eu pensei que ali existe a arte de muitos homens que calcularam, que pensaram, e que, enquanto estamos aqui falando, suas centenas de engrenagens, aqui neste pulso, estão sincronizadas todas elas, na ritmada e imparável marcha do tempo. Que seguirá, assim que eu morrer. O Hermógenes lembrará bem desse diálogo, que já acho que tem muito a ver com a morte de que trata esse processo de vocês, acreditem. No bar, segui lhe dizendo não frequento, claro, joalherias, mas certa vez entrei em uma em Buenos Aires, com um amigo. O vendedor logo olhou meu pulso, e empolgou-se todo ao ver que eu usava um relógio da marca que ele vendia. Abandonou o atendimento de meu amigo e veio direto este Mapuche, que parecia um consumidor mais seguro, perguntando se eu não queria olhar os “novos modelos” da marca. Eu respondi, veja bem, que jamais compraria outro relógio da marca, e ele me disse, Você não gosta desse teu, tão lindo?. Era a oportunidade que eu esperava para responder-lhe, Ao contrário, meu caro vendedor, adoro meu relógio. Adoro tanto, que seguirei com ele, cumprindo a promessa da “garantia de por vida”. Como não tenho mais de um braço esquerdo, nem mais de uma vida, não



preciso de outro relógio, concorda? Este me serve esplendorosamente. Acho que eu o amo.

A partir do dia em que Hermógenes e eu tivemos, naquele bar, nossa conversa sobre Rolex, nos fizemos mais que amigos. Sem sexo, eu digo, viu como são vocês que têm o sexo na cabeça? Ao contrário, ele me procurava sempre que tinha um assunto mais abstrato e, claro, queria aprender meu idioma pátrio. Não o Mapuche, o espanhol. Então trocávamos expressões, e falávamos sobre política, artes, e impressões de alma. Talvez vocês não entendam, mas ficávamos tanto juntos porque sabíamos que éramos a chave para entender a nós próprios, no complemento interpessoal que precisamos para ver o mundo. Nós vemos o mundo pelo espelhamento com o outro, entende? Bom, isso má não tem tanto a ver com a morte do rapaz da Faculdade.

Tem a ver eu falar sobre esse tal Gino. Ele me foi apresentado, salvo engano, poucos meses depois que Hermógenes entrou na Faculdade de Cinema, seria então começo de 2015. Faculdade pública, sonho dele, realmente ele estudava muito, escrevia diálogos em um caderno quadriculado que eu lhe trouxe da Europa. Ele gostou de um meu e eu lhe trouxe uma caixa com dez, porque adoro patrocinar a criatividade. Gino me foi apresentado diretamente como seu namorado, o que deveria ser pra mim motivo de grande alegria. Sim, eu sempre incentivara que ele tivesse um relacionamento mais sólido, na medida em que possa haver solidez... Para que ele se expusesse, entende? No fundo, ele Hermógenes era extremamente tímido. Bom, fato é que Gino e eu não batemos santo, como vocês dizem (também aprendi muito idioma). Não descarto que seja ciúmes, porque sou argentino. Não que os argentinos sejam ciumentos, não é isso, é que tenho terapia suficiente pra dizer que tenho ciúmes do amigo. Mesmo sob esse ponto de vista, te digo que Gino era um sujeito que dava sinais de necessitar internação psiquiátrica urgente. Típico jogador de videogame, sujo, meio gordinho, alteradíssimo, afetadíssimo, gritava e tudo mais. Claro que decretou que Hermógenes não mais me encontrasse, e assim foi. Hermógenes disfarçava, mas vinha me ver às escondidas, como se eu fosse um amante. Doença, isso. Mas tampouco durou muito, por meu lado.

Porque um mês depois entrei no taxi, na frente do meu hotel, indo para meu trabalho, e senti um golpe na nuca. Forte. Virei para saber o que era, era um assalto. Queriam o que eu tinha, e quando fiz menção de tirar o relógio, vagarosamente, um dos homens disparou a pistola. Pra matar, dois tiros. Os dois tiros no mesmo braço esquerdo, braço e ombro. Um de raspão, o outro entrou fundo. Depois fui entender que eles queriam meu celular, que eu sequer carregava naquele momento, porque, já disse, não gosto deles, então irritei o rapaz, quando fui tirar o relógio. Achei que pediam o relógio, mas não. É, a garantia da Rolex assegurava a vida da peça, mas não a minha. Era hora de “poner tierra de por medio”. Quando me recuperei da cirurgia, mudei de país. Colômbia, Europa, ah, e Irlanda. Numa festa dublinense conheci uma senhorita linda, que há duas semanas me achou por telefone aqui na Bolívia, pedindo para que eu entrasse com contato no Brasil para falar de Hermógenes e Gino. Pra falar o que quisesse, o que soubesse. Quando desliguei o telefone, entrei em contato com meu grande amigo brasileiro, que me noticiou o ocorrido. Jamais o imaginei matando alguém, nem uma mosca. Devidamente motivado, por ciúmes ou senso desvirtuado de justiça, qualquer de nós é um genocida, ouçam bem. Defender a própria vida, ou mesmo o próprio corpo, ou os próprios direitos, são também uma motivação. Ciúmes também, sim, mas falo agora da defesa. Mas realço seu caráter, isso sim era de se esperar. Ao fim da rápida conversa ao telefone, disse: “Chame direto ao promotor do caso e diga o que quiser”. E me facilitou o número. Já do promotor não posso dar o mesmo testemunho de isenção, se me permitem dizer.



Voltei ao Brasil mais duas vezes, e nas duas, claro, encontrei meu grande amigo Hermógenes. No primeiro ano, contou-me que seu pai estava doente. Nada mencionou acerca de mudar de faculdade.

A segunda vez foi perto do feriado de San Martín, uns meses portanto antes do fato. Voltei a SP, desta vez de caminho a Buenos Aires para algumas gestões para preparar minha vida aqui na Bolívia, entre elas uma visita ao hospital de mamãe. Que continua louca, segue não me reconhecendo, mas agora fala de cassinos e casas de tango. Tudo igual. Encontro Hermógenes num restaurante grego, um jantar só ele e eu. Naquelas filosofias, ele quer falar sobre “rituais de passagem”. Noto que está bem abatido, mas com um corpo muito fortificado, postura reta, fala dura. Estava se fazendo homem.

Nosso diálogo recomeça, com nossa habitual cerveja, com o sentido da sobrevivência, no assunto que ele introduziu. “Trote universitário”, a violenta recepção aos calouros, que cortam os cabelos. Minha primeira reação foi dizer “Mas você, com essas enormes melenas”, e ele respondeu que, no seu curso, essa aberração não existia. Mas estava transtornado.

Confesso que gosto de provoca-lo. “Não cortaram teu cabelo no curso? Azar o teu. Perdeste a oportunidade de marcar tua vida, com um grande sinal de transformação. Você, com a sobrevivência nos teus genes, recusa-se a uma pequena metamorfose necessária à vida. Porque entendo que ele é um sobrevivente, que isso é lei natural. Pensa comigo, eu digo: você, Hermógenes, é metade descendente de europeus, porque tem sobrenome italiano: Mapetelli. A peste negra matou toda Europa, e quem ali sobreviveu? Apenas aqueles poucos que tinham o organismo geneticamente protegido contra o vírus. Ou a bactéria, não sei. Eu, descendente de Mapuches, também sou fruto do melhoramento genético, porque do meu povo só sobreviveram os geneticamente resistentes às bactérias que aqueles europeus sobreviventes da peste negra nos trouxeram. Bactérias que, por sua vez, são as sobreviventes da reação que houve nos corpos dos antepassados do teu avô milanês, que resistiram à peste. E assim vai. Da parte de tua mãe, se chegamos na África, melhor nem falar, porque se falar disso, hoje, dá muito problema. “Lo que no te mata, te hace más fuerte”, eu disse, é uma lei natural, por isso tenho medo disso. Não dos rituais de passagem, mas do precipitado fim deles. São fortalecimento necessário. Os indígenas têm vários nesse estilo, eu disse a Hermógenes, muito mais violentos que essas brincadeiras de mau gosto, e a sociedade não parece criticá-los, aliás a tendência é achá-los cada vez mais representantes legítimos da cultura. Tentar imitá-los seria uma “indevida apropriação”, essas coisas de hoje. Um trote não é o fim do mundo, eu disse, você está dramatizando demais. Há algo mais por detrás desse seu inconformismo abstrato, não?”

Pode ser que houvesse. Como diz um ditado ibérico, “tiran más dos tetas que dos carretas”, não é assim? Quem me traduz essa? Bom, no caso não eram exatamente “dos tetas”, mas sou um cara elegante que não desce a níveis naturalistas, no vocabulário. De qualquer forma, para mim é muito mais fácil imaginar Hermógenes defendendo-se de uma agressão do que planejando um homicídio, entre amor e hormônios. Voltemos ao pub.

Ele ficou tenso, lembro bem. Disse que o trote era um absurdo, que iria acabar com aquela violência gratuita, bárbara, anacrônica etc. etc. Parecia realmente determinado, mas não me contou nada mais que isso, nada disse a respeito de fazer Engenharia. Se dissesse eu me lembraria, caindo na gargalhada. Mais fácil eu no Seminário Dominicano que ele na Engenharia. Eu disse apenas que estamos de acordo. Quer dizer, que estamos de acordo em que não estamos de acordo, certo? Divergimos e seguimos amigos, porque



somos adultos. Saímos do tal restaurante grego, fomos a um pub irlandês. Ele voltou pra sua casa (acho), eu bebi a noite toda e fui direto ao aeroporto, pro meu voo pra Buenos Aires. Minha mãe continua igual pelo que sei, obrigado pela preocupação, meu relógio continua marcando o tempo sem dar marcha atrás, e eu o uso aqui nas ruas da capital deste País, que leva o nome do Libertador. Só isso.



- VI -
DEPOIMENTO :
ANGELA ROTH



VI. Angela Roth

52 anos

atleta

No nosso Exército, nas missões no Deserto ou nas incursões em território inimigo, se fazia uma pergunta: qual a diferença entre a audácia e a imprudência? Vocês sabem?

Eu fiz dois anos de exército no meu país, porque lá as mulheres servem o Exército, obrigatoriamente. Somos um povo amável, mas um povo que antes de tudo sabe que a vida não são apenas abraços e declarações de amor. Isso é para a infância, mas a vida adulta traz a necessidade de constante defesa, porque lida com os interesses contrapostos dos imperfeitos seres humanos, colocados em um mundo repleto de escassez. Por isso somos um povo consciente de que alguém com dezoito anos não é mais um bebê que necessita de constantes abraços. Pode até ser, mas, se o for, coloca seu povo em risco. Nosso povo somente se mantém até hoje, ancorado no deserto, na nossa terra, depois de tantos ataques e tantos holocaustos, porque sabe que homens e mulheres são homens e mulheres, não crianças.

Daí, ouçam bem: se nós amolecermos demais, nos fazemos escravos. Foi lutando contra a escravidão que o profeta matou um homem, e ninguém o acusa de assassino. E é por escravidão, por pensar que o mundo adulto é amor e beijinhos, que este país tropical em que vivemos, e que também amo, é este antro de fome, violência e desigualdade. Um povo ao mesmo tempo servil e violento. Daí a razão total ao que disse o Premier de meu país: o Brasil é ao mesmo tempo um gigante econômico e um anão diplomático. E por que isso? Porque ninguém respeita, ninguém sequer escuta o que tem a dizer um país em que corruptos vivem abraçados pelo povo e fora do cárcere, este recheado de ladrão de galinhas. Falta à nação aquela condição de... como dizem mesmo hoje? Enfim, falta ao país autoridade para dar lição de moral em alguém. Um povo de submissão milenar e violência primitiva.

Violento, sim. Quem diz que o Brasil é um país pacífico nunca abriu um jornal para ver pessoas degoladas no cárcere, bandidos dando tiros de fuzil no Rio de Janeiro, helicópteros da polícia abatidos em pleno voo, latrocínios, execuções e estupros nos níveis mais altos de todo o planeta. Então, o direito à defesa me parece uma missão aqui a ser desenvolvida, quero dizer, colocada em prática. Um direito humano a sair do papel, como tantos outros, e para isso é necessário endurecer os homens. Claro, quando digo homens falo em homens e mulheres, porque sou uma delas. E não preciso dizer que sou mais dura e mais feminina que a maioria desses hippies pacifistas que criticam meu trabalho, sem saber que por detrás de todo esse lindo discurso perfumado a *patchouly* está a indústria da droga, das armas, do jogo clandestino, da polícia corrupta, que eles acabam sustentando.

É pensando em melhorar este país que trago para cá as técnicas da arte marcial da minha cultura original. Por isso, entendo que meu trabalho é um grande ato de amor,



porque amor não são abraços e ervas cheirosas ou alucinógenas, amor é trabalho duro e disciplina.

Hermógenes nos procurou primeiramente dizendo que queria praticar um esporte a mais, que lhe propiciasse reais condições de defesa. Eu o recebi no segundo dia de Academia, logo que notava que ele era dono de uma sensibilidade maior, feminina, o que não significa de modo algum fraqueza, e, se me permitem dizer, eu acho que sou a maior prova dessa distinção. Por isso, ele, ao mesmo tempo que se revelava uma pessoa sensível e até tímida, dava mostras de um bom preparo físico, mas mais que isso: uma disciplina impressionante. Pelo que entendi dele nestes quase dois anos que está conosco, jamais usou drogas, raramente usa álcool e se alimenta bastante bem, apesar de suas dificuldades financeiras. Bem, esse é um comentário paralelo, algo de que me lembrei agora: um dia ele me pediu uma dieta para ter mais resistência, porque se sentia cansado, e eu lhe prescrevi uma série de alimentos que são ótimos para esse fim. Em resumo, legumes e frutas, algumas castanhas e outros cereais. Quando comecei a descrever ingredientes em um papel, ele me interrompeu educadamente: “Meu dinheiro dá para sanduíches e, no máximo, legumes no fim da feira.” Claro, damascos e tâmaras não eram acessíveis a seu orçamento, e gostei da sinceridade. Foi quando ele me contou que seu cotidiano era estudar pela manhã (não sei dizer agora se na Faculdade, não lembro mesmo), trabalhar pela tarde com vídeos, acho, e à noite fazer exercícios. Mas era jovem, seus ganhos eram pequenos, essas coisas.

Como também gostei da sinceridade quando ele me contou que queria assumir-se publicamente homossexual, e que isso não lhe era tarefa fácil. Já não sei se foi tão verdadeiro quando me falou que tinha medo de ser atacado na rua por neonazistas perseguidores de gays, mas isso não me cabe julgar. Fato é, para o que importa, que ele se interessava muito em golpes letais.

Agora, cabe uma confissão minha, porque não sou de mentir. Para quem se interessa por auto-defesa pura, uma de nossas aulas consiste em usar uma caneta como arma. Sim, arma de defesa. Não acho que seja vergonha saber usar uma caneta como instrumento letal, em um país em estado de guerra civil, em que nenhum cidadão de bem pode usar armas. Desculpe, o senhor Magistrado é cidadão de bem e pode usar armas, mas isso é porque o Magistrado deve ser um cidadão diferenciado, com direitos diversos dos demais brasileiros, é isso? Não sou eu quem faz as perguntas aqui, eu sei, mas tentei uma resposta a esta minha curiosidade antiga, de como se procede em nossa República. Perdão. Eu tenho orgulho dessas minhas perguntas, porque é sinal que já me sinto uma brasileira, mas... se ninguém mais as faz, por que uma simples naturalizada, com sotaque e profissão irregular as lançaria ao vento, não? Profissão irregular sim, porque me disseram várias vezes que tenho de cursar faculdade de Educação Física para ensinar minha arte de séculos. Eu respondi ao Conselho Monopolizador de Profissão que eu, esta mulher-lobo, desafiava dez professores de Educação Física a entrarem em luta comigo. Os dez ao mesmo tempo: se me derrubassem, eu sairia direto do tatame para a sala de aula daquele caça níquel que eles chamam faculdade. Estou aguardando até hoje aparecer um desafiante.

Claro, o que importa: quem ensinou esse golpe que o Hermógenes desferiu no menino fui eu. Aliás, porque não sou medrosa, digo mais: treinamos várias vezes, com a caneta que ele usou. Ele a trazia no bolso um dia desses, mas – isso sim – jamais a apresentou como arma planejada para um homicídio específico. Simplesmente me disse “Carrego sempre esta aqui”, a tal caneta prateada que, pelo que sei, acabou sendo causa da morte do outro grandalhão. Hermógenes frequenta a Academia até hoje, com os mesmos



exercícios e igual disciplina. Jamais eu lhe questioneei sobre o ocorrido, não fiz elogio ou crítica. Se eu fui usada como instrumento, tal como a caneta, para um homicídio premeditado, isso não me desconforta em nada. Porque, como eu disse, um homem como ele, já com vinte anos, é consciente de seus atos, não é um infante. Se matou, que pague pelo que fez, como adulto: sem abraços e beijinhos; se foi um exercício de defesa, que o deixem em paz.

Sobre isso, aliás, eu dizia. Na missão no deserto, qual a diferença entre imprudência e audácia? É voltar. Entenderam? Não, não entenderam. Se os que vão à missão voltam vivos, foram audazes; se não voltam, foram imprudentes. É a fácil análise pelo resultado. Na minha opinião, Hermógenes foi audaz, porque regressou. Se o que ocorreu foi mesmo um bando de pessoas mais fortes que ele o cercando, a maior probabilidade é que, em um confronto, fosse Hermógenes saísse “com os pés adiante”, como dizemos os militares. Não sou expert em segurança pública, mas se encomendarmos uma estatística de quantos morreram se defendendo da agressão universitária e quantos morreram sofrendo o tal trote, creio que esta última hipótese traria um índice de ocorrência muito mais elevado, não? Então, estatisticamente ele estava também em desvantagem.

O Brasil precisa de homens. E mulheres, digo. E, se há homens de um lado, há do outro, sem julgamento moral. O homem que ameaçou o Hermógenes, quando o ameaçou, deveria conhecer os riscos e deles saber defender-se. Homens que estão na Faculdade, e que deveriam conhecer a máxima de que, quando os homens se calam, até as pedras falam. Isso não é uma letra de forró apenas, é uma citação do teu livro sagrado. Se tua Faculdade for um Jardim de Infância que não ensina nem isso, é sinal que teu país está perdido mesmo.



- VII -

DEPOIMENTO :

ARMANDO ABRANCHES



VII. Armando Abranches

49 anos, criminalista

Doutor Armando Abranches, Advogado há quase trinta anos, ao dispor de Vossas Excelências. Não sou mais advogado do caso, iria realmente fazer a assistência de acusação, mas não me senti confortável, por motivos evidentes. Gosto dessa palavra “motivos”, porque ela mostra absolutamente tudo no mundo do crime, certo? Pois bem, depois de ser transformado, pela Delegada Aretha, no arqui-suspeito do desaparecimento da mais relevante prova de um homicídio, não posso continuar trabalhando nele. É uma questão de Ética, que se aprende, ou se deveria aprender, nos bancos da escola.

Então, como alguém totalmente apartado do caso, tenho muito o que dizer. Algo sobre a delegada que fez o flagrante, algo sobre o que vi na Delegacia, algo sobre o crime de que – mais cedo ou mais tarde – serei acusado, todos os assuntos convergentes ao delito que vocês apuram: se o jovem Hermógenes matou ou não o também jovem Moisés.

Primeiro, o que houve na delegacia. Entendam bem, porque é claro que a versão da Doutoríssima Delegada Aretha será bastante diversa da minha. Eu fui, realmente, chamado de imediato pela família da vítima, para acompanhar na Delegacia o que pensei que seria um Auto de Prisão em flagrante. Até então nunca havia conhecido a família. Sou um advogado de nome na Área Criminal, então os clientes de outras áreas me indicam a seus clientes, quando é caso de minha especialidade. Cobro caro, sim senhores. Me liguei um colega do Direito Civil, contando que o filho de seu cliente, um famoso cirurgião, havia sido ferido em uma briga de faculdade. Que o vitimado estava no Hospital e agressor na Delegacia, muito bem. No Hospital eu não tinha muito como ajudar, então vamos ao Distrito, correto?

Ali cheguei e encontrei a Doutora Aretha, conhecida nos meios policiais como “Aretha 5-1”. Não tinha aquele seriado policial, do Hawaï 5-0? Então, deve ser por isso que a chamam de Aretha 5-1, não? Porque é melhor que 5-0. Acho. Eram duas horas da tarde, ela estava no plantão em estado que não me surpreendia, porque há conheço de muitos anos: completamente embriagada, Aretha 5-1. Não é novidade para ninguém, ela é uma das primeiras delegadas mulheres de nosso Estado, e jamais deixou o Plantão Policial porque tem problemas seríssimos com alcoolismo. Todos a aconselham a pedir aposentadoria, mas ela insiste em ficar e vai ficando, ficando e bebendo, ficando e bebendo. Tenho que confessar, porque sou honesto: é uma das pessoas mais inteligentes que conheço, quando sóbria. Ou quando não muito embriagada, digo, porque não lembro de a ter visto em abstinência. Bom, quando me apresentei como indicado pela família do agredido, a delegada já fechou a cara, porque sabe que conheço suas compreensíveis dificuldades com a bebida e a via naquele estado, falando mole, alto, dando ordens com pouco sentido. Enquanto eu tomava pé da situação com os demais policiais, ela me chamou à sala – aos gritos de alegria de quem acaba de descobrir a cura do câncer – para assistir ao tal vídeo no celular.

Eu assisti, e não achei nada demais. Quer dizer, não vislumbrei uma legítima defesa tão clara, apesar de o que mostravam as imagens. Digo mesmo, “apesar”. Mas um



criminalista experiente (e a delegada é mais experiente que eu), sempre suspeita de o que parece à primeira vista. Mais ainda, suspeita das provas, quando elas são muito evidentes. Quem já trabalhou em tantos casos como eu, ainda mais quem, também como eu, teve a chance de desfrutar por décadas da experiência do famoso Doutor Euzébio Calatrava, sabe que uma prova perfeita demais indica o sentido inverso. Como naqueles homicídios cometidos pela máfia antiga, em que o *Capo*, justo na hora em que ocorre a chacina, está sendo fotografado em algum aniversário ou batizado, cercado de testemunhas, provavelmente ao lado de um relógio de parede, para que se documente a hora exata do alibi. Mais é menos.

Com esse *feeling*, quando assisti a uma filmagem tão precisa de uma legítima defesa, me surgiram uma série de questões, e eu estava contratado, simplesmente, para ali colocá-las: por que havia surgido aquele filme tão sem propósito? Qual seria a motivação de pedir para filmar um ato tão banal, senão demonstrar que existia uma legítima defesa? Quem era a pessoa que havia filmado aquilo, o que ela pensava? Se o indivíduo que filmava não sabia o que iria ocorrer, o que lhe havia sido dito para que aceitasse aquele encargo? Todas minhas suspeitas, que eu não pude colocar, hoje se confirmaram, mas não vou opinar porque sou, como disse alguém, uma carta fora do baralho. O único que não posso admitir é que uma autoridade policial termine um caso daquela relevância sem ouvir mais algumas versões sobre o que existe em todo o crime: os motivos. Tão diversos e ao mesmo tempo tão repetidos sempre.

Existe um livro, transformou-se em um filme. Ouça, que é interessante, é um filme de Hitchcock. Agora quer ouvir, não? É a primeira cena do filme. Dois homens encontram-se pela primeira vez, porque estão frente a frente no trem. Esses trens ingleses, que no Brasil já não há mais, estão colocados na mesma cabine, com uma mesa no centro. Agora o filme conta, em *flash back*, que cada um tem problemas próprios, que os fazem cada qual desejar a morte de um terceiro. Um passageiro quer matar a própria mulher; o outro, deseja matar a própria mãe. Então, no trem surge uma ideia genial: por que ambos não trocam de crime? Sim, trocam entre si: um mata a mãe do outro, o outro mata a esposa do um. Qual a genialidade da proposta? Pensem: nenhum deles tem motivo para o crime que de fato cometera. Ah, Patricia Highsmith, fui leitor de seus textos quando moço. Quem não tem motivos para o crime não o comete. Belíssimo filme.

Com essa história quero lembrar a suspeita imprudência da Delegada 5-1, quer dizer, da Doutora Aretha. Mesmo com seus neurônios distorcidos pelo litro de uísque que ela guarda no armário de sua sala, a doutora não poderia assistir a um vídeo suspeitíssimo, e decidir a ocorrência assim tão rapidamente, repito. Disse que foi à sua sala pegar um cigarro, mas quando ela diz isso, fique atento: é ao menos um copo de uísque que ela entornou pra dentro. Ouviu a todos os estudantes presentes em minutos, não fez qualquer pergunta pertinente sobre motivação e, se alguns deles se animavam promover detalhes, algo da vingança planejadíssima contra a vítima (que então já sabíamos estar morta), ela fingia não escutar, não fazia constar do Boletim de Ocorrência, e tocava tudo em frente. “Me diz o que viu, meu querido”, ela gritava, e então inibia qualquer história antecedente. Quando eu a interpelava por ser muito grossa, dizia “desculpe, tomei confiança”. Decerto porque Ballantines mudou de nome. É, o que ela tomou foi uísque. Enfim, seguia registrando no Boletim apenas o que queria, como se existisse, como se pudesse haver um crime sem motivo. Os motivos, pergunte a Hitchcock.

Enfim, são as coisas da vida. Depois veio aquele escândalo, que o celular havia sumido, e eu a princípio, apesar de meus anos de delegacia, não entendi o que ocorria.



Logo depois ficou tudo muito claro, a experiência me mostra, mas confesso que fui tonto, que não considerei que se estava jogando um xadrez em um tabuleiro bem mais amplo de o que eu via. Menosprezei o caso, e nisso a delegada tem razão: entrei de salto alto e tomei dois gols nos primeiros quinze minutos. Explico.

Como em uma jogada complexa de futebol, a doutora me chamou para o ataque e eu coloquei todos meus jogadores no campo adversário. No momento do contra-ataque, eu não tinha quem parasse seu fraco artilheiro. Entende? Arriscou e venceu, porque quando eu caí, o jogo foi ganho pelo Hermógenes e pela turma dele: eu era suspeito de furtar o suporte da gravação e tinha de deixar o caso, como de fato deixei. Aí a goleada.

Não entenderam ainda? Ora, se eu fosse o criminalista do caso, teria comprovado que o casalzinho, do Hermógenes e de seu querido, planejaram aquela vingança. O tal Evirginio passou todas as informações para o amigo cineasta: como era o trote, como o pobre Moisés estaria, qual seu papel na retaguarda e zás: ambos filmaram o delito como legítima defesa e agora viverão juntos felizes para sempre, com o comborço morto e um segredinho para uni-los até que (outra) morte os separe. Parabéns, jogada de mestre, sete a um. Parabéns porque, se fosse eu o criminalista que defendesse o Hermógenes hoje, ganharia fácil essa legítima defesa. Quem perder essa causa, do jeito que está, é um péssimo defensor. Ou não?

E, antes que vocês me digam que sou um grande suspeito, por haver-me recusado a participar da reconstituição do vídeo a que havia assistido, digo que li a tal da reconstituição. Li o relatório, por pura curiosidade, e não acho que esteja infiel ao conteúdo, quer dizer, não posso dizer que eu tenha assistido a uma cena muito diferente daquela que se descreve ali. Outra coisa é “como” descreve. Os detalhes, as falas, me indicam que ou eles estavam com o vídeo nas mãos, ou inventaram tudo para amenizar a culpa da perda da importante prova, sob o nariz deles. De todos modos, pouco importa o vídeo, para o caso, é o que eu defendia. Ele é um mero fragmento, montado, de um crime muito maior. Meu velho mestre Calatrava, que hoje descansa em sua casa longe dos processos, se visse isso, me diria: “Querido Abranchito, quem acredita numa história dessas?” Ah, saudades do mestre Calatrava. Como sinto sua falta, a meu lado, como grande mentor.



- VIII -

DEPOIMENTO :

GINO CAVALCANTE



VIII. Gino Cavalcante

22 anos,
estudante

Não acho que tenha muito a dizer sobre o caso, mas respondo o que seja necessário, certo? Meu nome é Evirgínio, todos me conhecem como Gino, e não fazia questão de divulgar minha condição de homossexual, mesmo que algumas amigas digam que ela é notória. Não acho assim.

Namorei sim o Hermógenes, antes de notar que ele era um obsessivo. Seguimos caminhos diferentes na vida. Entendam, o homicídio ocorreu dia 19 de fevereiro de 2017, não é isso? Pois nós dois terminamos nosso relacionamento havia quase exatamente um ano. Não me recordo a data, mas mandei mensagem para Hermógenes e disse que ele não deveria mais me procurar, nunca mais. Posso buscar a data que o bloqueei no Face, aqui mesmo no meu celular. Está aqui, deixa ver. Bloqueei o Hermógenes dia 10 de março de 2016, para evitar stalking, como se evitasse. Isso foi nos meus primeiros dias de aula na Engenharia. Um ano antes do assassinato de Moisés. Assassinato ou morte, sou leigo e ruim com as palavras. Conheço números e videogame. O que li na minha vida foram os livros que me mandaram na Escola, porque pro vestibular eu só li resumos. E toda a saga da Fundação, porque jamais paciência para monstrenhos fantasiosos de Hobbits. Sim, uso minha camiseta do Star Wars, mas eles não são monstrenhos, são pura realidade. Não sabiam? Pois deviam saber, é uma saga retirada de fatos reais, ocorridos “long time ago...”. É, aos fatos.

Os fatos. Que tenho pra dizer? Eu gosto muito do Hermógenes, ou gostava. Eu o conheci no cursinho. Foi um grande amigo, mas naquele tempo tínhamos um descompasso. Ele entrou na Faculdade e estava curtindo a nova vida, e eu... Me diz, esses detalhes íntimos importam alguma coisa? Não que eu tenha vergonha, nada disso, mas sou meio descontrolado na fala, posso ser inexato. Me preocupo em ser exato, entende? Vetor inverso do Hermógenes, que era exagerado, romântico. Como ele dizia? Ele usava uma palavra, que o professor do cursinho falava também... lânguido... Lírico, isso. Ele era “lírico”, poeta, dramático, sofredor e tal. Adorava um drama, mas entenda. Não era assim, como eu. Barraqueiro. Não avisei que me expresso mal? Hermógenes é muito tímido, seu drama era chorar sozinho, escrever poemas, mandar mensagens ameaçando suicídio, criar personagens com recados ocultos, cifrados. Coisas assim. Eu grito, falo, mas não acho que faça drama e não mando recados. Entendem? Pois bem.

Ficamos acho que seis meses muito bem, e quando foi chegando perto do meu exame do vestibular eu já estava pedindo para ele um pouco de distância. Eu tinha muito que me concentrar, e ficava um pouco, sim, com inveja de o que ele contava. Festas, aulas “brilhantes, inteligentes”, como ele dizia, e eu ali tendo que estudar regras de crase, mitocôndrias, mapa da Bacia Hidrográfica de não sei onde. Não posso dizer todos os motivos, tudo foi esfriando, o encanto baixou, simplesmente isso. Sim, tenho certeza de que ele dizia que suas aulas eram maravilhosas, que estava encantado com a Faculdade. Dizia isso sempre.

Terminei com ele em março. Então, de 2016. Depois pouquíssimo soube a respeito de Hermógenes. Eu dizia a meus amigos em comum que não queria notícias dele, porque eu iria sofrer. Jamais suspeitei que ele fosse trocar de faculdade, que ele viesse fazer engenharia, muito menos no meu curso. Ele odiava engenharia e, se me permitem dizer,



decidiu prestar minha faculdade por outro motivo que não o curso. Se esse motivo sou eu, ou o assassinato, ou o trote, não sei. Ou sei. Cursar Engenharia eu garanto que ele não vai e nunca foi. Nem tem clima mais pra ele ficar por ali, né?

Então estamos agora em fevereiro de 2017. Sai a lista de aprovados no vestibular, e os meus colegas, que estão de férias e não tem muito o que fazer, vão pro Facebook buscar nome por nome dos aprovados, pra ver se são bonitos, feios, ricos etc. Então alguém me avisa que meu ex-namorado seria bixo meu curso, na Engenharia. Achei muito estranho, mas não liguei pra ele. Nisso, fazia ao menos sete ou oito meses que não tinha qualquer contato com Hermógenes.

Mas fiquei curioso, confesso. Não tinha jamais cogitado ir no dia de matrícula recepcionar calouros, nem dar trote, nada. Porém fui pra lá, e fui sozinho. Digo, desvinculado de qualquer grupo, de Atlético, de Centro Acadêmico, de Trote, de Grupo de Oração, de Coletivo disso e daquilo, essas coisas que ficam atormentando os calouros, não participo de nada disso porque prefiro estudar. Bom, jogar meu videogame também. Fui lá, na sala de matrícula da faculdade, e o encontrei. Ele estava com seus belos cabelos ruivos, encaracolados, longos, puxados pra cima.

Eu fui até ele. Dei-lhe um abraço. Na minha cabeça, olha, eu estava com pena de ele ter feito tanto por mim. “Maluco, doente”, eu pensava mas não falei nada. Com o abraço, sabe, as coisas vão mudando, ficamos um tempo juntos. Então, como eu falo? Bom, eu peguei nos seus cabelos, e disse: saia daqui, eles vão cortar estas melenas. Ele me ensinara a chamar aquilo de “melenas”. Foi quando ele surtou de vez. Sim, ele. Disse que o trote era um absurdo, que sua integridade corporal seria mantida, quando eu respondi “Não será. Caia fora por trás agora, porque se tentar atravessar o pátio, te pegam”. E olhe lá, porque deveria ter gente por detrás também. Pra fugir por detrás, tinha que pular o muro, e eu estava disposto a explicar-lhe essa rota de fuga. Mas era a cara dele, fez um drama. Os cabelos, os direitos humanos, as novas regras sociais, a sociedade que mudou, o espiral da violência. Daí, meu grande erro.

Porque ele me garantiu que dialogaria com os meninos que estavam no trote e os convenceria a não lhe cortar os cabelos. Eu pensei que ele estava louco. Quer dizer, ele estava mais louco de o que eu pensava, mas eu pensei que ele estava louco por tentar, com aqueles cabelos que clamavam por uma tesoura, um diálogo com aquele pessoal. Então ele disse: “Aquele teu namorado está lá, não é? Você tem medo que eu o encontre?”. Ele sabia me desafiar. Quem gritou nessa hora fui eu, confesso, fiz um escândalo. Surtei eu, porque foi o jeito de ele Hermógenes dizer o motivo por que estava ali. Ciúmes do Moisés, que com certeza sequer sabia da existência de Hermógenes. Gritei no corredor, sim, disse que ele era louco, obcecado, doente. Lembro que estávamos à porta de uma sala de aula vazia, ele forçou a porta e a abriu, me convenceu a entrar para não chamarmos a atenção no corredor. Aceitei, só nós dois ali, ele me acalmou. Não vou contar como, mas me acalmou. Não interessa como, acreditem. Efeito gangorra. Me acalmei e ele voltou a falar de um modo alterado, mas aquela alteração serena dele, no mesmo assunto: sociedade diferente, ele tinha de ser alguém que mudaria aquele costume horrível. Foi quando me prometeu que iria fazer um diálogo histórico, que todos se convenceriam de que o trote tem de acabar, de que aquilo era uma covardia anacrótica. Anacrótica, era isso? Algo assim. “Promoverei um diálogo de gênio, que vai mudar a história do trote não só nesta universidade, como no Brasil todo!”, ele disse. “Filma pra mim essa façanha, você que é tão bom nos *travellings*!” Nisso, eu esqueci da questão de Moisés, juro. Trouxa. O trouxe aqui filmou tudo, com meu novíssimo celular.



Explico melhor por que aceitei filmar. Nos tempos que namorávamos, ele gostava de ler textos, tipo, como ator. Lia poemas, lia crônicas de jornais, acho que o sonho dele seria fazer algo de Youtube, porque ele escrevia roteiros para youtubers mais famosinhos. Mas nunca montou seu canal, até onde eu saiba. E muitas vezes eu filmei essas falas amadoras dele. Muitas, não. Duas ou três, sempre andando em algum lugar da cidade, a Praça Roosevelt, a Augusta, a Frei Caneca. Ele dizia que eu era um talento para filmar, que estava ótimo, uma vez até me fez comparecer a um estúdio improvisado desses youtubers, e eu fiz a filmagem do sujeito, pelo meu celular mesmo. Ficou legal. Não as tenho mais, apaguei tudo, isso foi há mais de ano. Por isso, filmar o trote não é nada absurdo, digo, fora do normal. Acreditei que ele faria uma boa fala, eu estava bem mais calmo depois de o que ele me fez e... Bom, vou falar a verdade. O que pensei é que o diálogo dele daria totalmente errado e eu teria um belíssimo vídeo de um calouro metido tendo seus lindos cabelos cortados. Mas não poria na internet, devolveria para ele, para que ele notasse como seu discurso estava fora do planeta. Achei que lhe fazia um bem. No mínimo, seria um choque pra ele.

Ele só pediu para que eu gravasse a primeira cena com ele ali, onde estávamos. E a primeira cena era só ele dizendo “Vamos acabar com o trote no Brasil, porque o mundo está diferente. Venham comigo”, ou algo assim. E logo fazia um grande discurso sobre direitos humanos, igualdade, de que eu não me lembro, mas posso garantir que ele falou muito bem e, pra isso, não leu absolutamente nada. Eu gravei essa cena com ele, e cortei. Ficou muito boa, ele com cara de transtornado e falando fluentemente, anunciando sua ... sua façanha, posso dizer assim? Digo transtornado, porque ele subiu numa cadeira para anunciar, como se falasse a multidões, estava agindo como ator, em uma fala de uns sete minutos, bem maior que o vídeo da morte. Originalmente eu deveria colar essa cena no *travelling*, no acompanhamento até o momento do trote. Na delegacia, a delegada viu a outra cena, a do trote, mas não assistiu à anterior, todo o discurso, e eu tampouco avisei que ali havia guardada essa filmagem. Mulher grosseira, ela não contou que me deu um forte tapa na cara quando perguntou onde estava meu celular, um tapa que me fez meter a cabeça na parede, que dói até hoje. Doi a cabeça, não a parede. Dali chorei e não falei mais nada. Não é o melhor jeito de conseguir colaboração, convenhamos.

Da cena que eu gravei antes? Como vou ter arquivo dessa cena, se meu celular foi roubado? Foi roubado dentro da delegacia, que estava sob a responsabilidade da delegada. Ela me ouviu no inquérito, super rápido. Disse pra eu dizer o que tinha visto, pra eu confessar que fiz a filmagem, e que não queria saber de mais nada. De namoro, de amizade, de o que fosse. E retrucou que meu celular estava apreendido e pronto. Aí fui embora do distrito. Lembro que ofereci a ela transferir o vídeo para outro arquivo, para o computador da delegacia, porque meu pai me tinha presenteado aquele celular que era caro, e ainda estava pagando por ele. Ela não deixou eu fazer qualquer cópia do arquivo, gritou que não iria repetir que estava tudo apreendido. Quando ela falou isso, eu já intuía que jamais veria meu celular. Aliás, já intuía antes, só por isso pedi pra minha amiga esconder meu celular com ela, vale uma nota e eu o perdi, mas pensei que o perdia porque ficaria apreendido, não roubado. Já fui a muita delegacia dar queixa de furto de celular, mas nunca fui a uma delegacia prestar queixa de furto de celular dentro da própria delegacia. Há sempre uma primeira vez.

Depois disso não falei mais com o Hermógenes, sei que ele jamais foi à Faculdade de Engenharia. Sei também que, de algum modo, conseguiu reingresso no seu curso anterior. Só isso que eu sei.



- IX -
DEPOIMENTO :
REBECCA LIMA



IX. Rebecca Lima

23 anos, estudante

Sou Rebecca, 23 anos. Aluna da Faculdade de Engenharia, colega de turma do falecido Moisés. Nós somos dois anos mais antigos que Gino, portanto três anteriores a Hermógenes, que aliás nunca mais apareceu na Faculdade depois do evento, apesar de não estar preso. Claro que entendo seus motivos.

Eu sei que é covardia falar de quem está morto, mas os detalhes que tenho para dar, contribuindo para este caso, são apenas do falecido Moisés, meu colega de turma. Tive vários embates contra ele, debates acalorados mesmo. Fazia anos que ele promovia tudo o que era atrocidade dentro do Campus. Trote, perseguições, festas violentas, brincadeira sem graça e brigas. Quando, por motivos particulares meus, resolvi formar uma Comissão Anti-Trote, já no meu (nosso) primeiro ano de Faculdade, iniciaram os atritos. Ele era ignorante, violento, e se valia do seu tamanho para gritar e bater. Bater mal, diga-se, porque já o vi apunhar de gente muito menor que ele. Aliás, morreu assim.

Não precisa ser psicólogo pra desvendar a personalidade do Moisés. Raiva do mundo porque não conseguiu resolver seu principal problema. É gay e não sabia disso. Não sabe mesmo, acha que é tão macho que não perdoa nem aos gays. Sim, porque, apesar de ter uma noiva-namorada, que vive em outra cidade (pobre moça), safa com homens e mulheres de todo o Campus. E foi num dia de trote, diga-se, que, com violência ou não, ficou com Gino. Todos sabiam disso e, se aceitam minha opinião, até mesmo o Hermógenes. Isso lhe deu raiva do trote: Gino foi embebedado numa festa até perder toda a capacidade de resistência aos encantos do bonito, atraente, forte e machíssimo Moisés. Tenho certeza de que a militância de Hermógenes a favor de nossa causa começou quando ele soube de o que houve com seu companheiro na fatídica festa, mas uma coisa não anula outra. Quero dizer que ter uma motivação pessoal para começar uma luta coletiva não anula sua razão, ou estou errada? Os grandes direitos foram conquistados por quem é vítima ou está próximo das vítimas, não é assim? Não vejo nada demais.

Eu assisti à cena da morte de Moisés. Que vídeo? Não, não vi vídeo nenhum, eu estava ali perto, no trote mesmo. Cheguei cedo na faculdade, no dia de matrícula, para lutar a favor da nossa causa. Meu papel ali - porque não sou covarde - era tentar dissuadir todos aqueles que davam trote violento. Ou, ao menos, mostrar aos calouros que o trote violento é operado por uma minoria, que não sou eu, não é nosso grupo, não é a enorme maioria dos alunos. Por uma regra simples da lógica: recebemos os calouros como gostaríamos que fôramos recebidas, não é assim? Não saio estapeando quem vem visitar a minha casa, nem socando minha nova colega de quarto, na república. Eu assisti à cena fatal porque estava bem ao lado dos protagonistas, querendo cumprir minha missão daquele dia.

Dou minha versão, rapidamente. Havia oito ou nove pessoas no círculo que operava o trote violento, isso de pintar e cortar os cabelos. Se quiser, nomino a todos os que ali apareceram, pois são velhos conhecidos. Mas se puder evitar, melhor, porque tampouco nasci pra ser dedo-dura, entenda-me bem. Moisés estava um pouco afastado, em sua função de supervisor. Ao ver o Hermógenes magrinho, com aquele cabelo longo, senti o cheiro de encrenca, mais ainda quando percebi seu amigo filmando com celular. Por isso me aproximei mais. Depois disso, foi tudo muito rápido. Quem afirmar que daria tempo para diálogo, que Hermógenes foi ouvido pelos agressores, que tenha pedido para



não lhe cortarem cabelos ou pronunciado algum discurso sobre fim do trote, não viu a cena. E, aliás, se é verdade isso que disseram por aí, que Hermógenes queria só fazer um discurso anti-trote, ele calculou foi muito mal o que iria ocorrer. Trocou duas ou três palavras com o pessoal, algum empurrão, tempo suficiente para Moisés chegar para dar um soco e logo receber o contra-golpe fatal. Não me lembro de outra pessoa agredindo Hermógenes, mas tenho que ser honesta e dizer que, pelo posicionamento que se encontrava o agredido, se Moisés estivesse sóbrio ou tivesse um pouco mais de percepção do mundo, sentiria que haveria reação séria. Sim, Hermógenes entrou em posição de defesa, afastou tecnicamente a mão que o socava, anulou o golpe e cravou-lhe a caneta. Não sei se necessariamente nessa ordem, claro. Só que tenho que ser mais honesta ainda ao dizer que o bixo estava sendo agredido por alguém muito mais forte que ele, e que contava com um *staff* de oito pessoas que lhe dariam apoio. Oito baratas.

Sim, baratas porque, assim que notaram o sangue e o Moisés no chão, fugiram cada qual para seu lado. Ninguém para parar ao lado do corpo, ninguém sequer para ter coragem de segurar o agressor. Hermógenes saiu do campus calmamente como entrou, e quem se ajoelhou e meteu as mãos no sangue fui eu. Bom, estava o Gino, que não serviu pra muito porque começou um berreiro e um choro. Gritei algo pra ele parar de filmar e chamar os médicos, mas ele obedeceu? Travou, igual um Windows. Eu chamei a polícia, a guarda, a ambulância, tudo a partir do meu celular. Fui quem viu que ele tinha enfiado uma caneta no pescoço de Moisés, que se debatia como se sufocado e jorrava uma cachoeira de sangue, que eu tentei conter com minhas próprias roupas. Quando a ambulância chegou eu estava quase nua, de tanto que havia despido para tentar estancar aquilo, e Moisés, na minha opinião, já estava morto. O médico da ambulância disse que ele ainda tinha sinais vitais, mas pra mim, que não sou médica, seu corpo subiu na maca sem uma gota de sangue, porque todo o líquido estava no chão ou nas ataduras improvisadas. Minha blusa e minha calça, se interessa saber.

Não gostava pessoalmente de Moisés, achava-o mentiroso, fingido, arrogante e muito limitado do intelecto. Não é porque está morto que as coisas mudam. Tampouco penso que mereceria morrer, e tenho certeza de que foi vítima de um apaixonado ciumento que achou injusto que ele, Moisés, utilizasse de sua condição de veterano para lhe tomar o namorado. Claro, não foi tomado à força, mas houve força no contexto, como houve evidente agressão dele a Hermógenes. Não acho que Moisés soubesse quem exatamente era Hermógenes, o que faz pior a situação: ele bateria em qualquer um, sem necessitar qualquer motivo a mais que não o de ser um bixo insubordinado.

Mas entenda o que tenho pra dizer, sobre a defesa. Se não houvesse reação de Hermógenes, claro, Moisés não viria dar-lhe socos. Concordo com isso. Não entendo as coisas juridicamente, mas tenho um ponto de vista claro: Hermógenes de certa forma provocou os socos. A pergunta é outra: havia outra forma de Hermógenes preservar seus cabelos? Não, não havia. Ele foi educado e calmo ao pedir para ficar com seus cabelos. Então, se pensamos que a agressão era a de cortar os cabelos, ele não a provocou. Ela ocorria independentemente de sua vontade. Quanto ao mais objetivo, devo também dizer a verdade: depois daquela morte, este ano ninguém cogitou trote. Ou porque se convenceram de o que eu sempre sustentava, de que é uma prática que dever ser extinta, ou porque estão com medo da reação de algum outro calouro-ninja. Não importa. O que importa é que, de momento, acabou. Meu intento eu consegui, e não penso que uma morte seja motivo para deixar de comemorar, ao mesmo tempo em que não guardo o menor peso na consciência. Como disse, a única que efetivamente fez algo pra tentar preservar a



vida do Moisés, fui eu. Os médicos e eu, ninguém mais. Nem o trolha do Gino, que fica a tarde toda dando no *Counter Strike*, mas quando viu sangue de verdade.. bom, já contei isso.



- X -

**DEPOIMENTO DE
MILDRED KLEIN**



X. Mildred Klein

43 anos,

empresária

Uma daquelas histórias que contamos e pouquíssimos creem, então seria melhor não contar. Meu plano, daqui por diante, é mantê-la em silêncio, mas isso só depois desse julgamento que está para ocorrer. Os jurados dizem o veredito, e eu me calo. Até lá, acredito que todo esforço não é em vão. Fiquei bastante religiosa depois dos quarenta, quando me dei conta de que minha história de vida não é um grande acaso. Não há como ser obra aleatória. Tenho quarenta e três anos e não digam que aparento menos, é mentira. Para quem levou a vida na trincheira, aparentar quarenta e três é uma grande vitória. Vamos direto ao ponto, à história de novela mexicana: um filho que jamais soube que é meu filho. A justiça pode querer fazer um teste de DNA para comprovar o ocorrido, mas garanto que não fará a menor diferença para o julgamento, para o que tenho a relatar.

Fugi de minha pequena cidade do Sul acompanhada de Gerson, meu namorado, eu tinha catorze anos e estava grávida. Gerson era traficante, eu sabia bem disso, eu usava muita droga e o maldito nem chegava perto delas. Eu o amava, e ele era um homem que tinha tudo o que eu então poderia desejar de um homem: cocaína à vontade. Saí de noite de casa, nem avisei meus pais de nada, nem meu irmão, que ignoravam até minha gravidez. Cherei como uma doida, peguei uma mochila e entramos, Gerson e eu, no ônibus, meus dentes trincando e dois filhos na barriga. É, depois descobri que eram gêmeos. Vim pra esta Capital paulistana, fomos morar num quase-barraco da favela onde um *business* já lhe encontrava todo montado, como se fora um franquias: ganhou uma pistola e tinha uma boca esperando ele, pra tomar conta. Acredito que ele tinha já comprovado méritos, no Sul, pra receber esse encargo nesta Metrópole, uma biqueira de cara para avenida, movimento constante de drive-thru. Trouxa. Dei à luz meses depois entrando no PS do bairro, prematuros os dois, um deles morreu e a médica fez que fez, fez que fez pra salvar pra salvar o outro. Paulo morreu; Pedro salvou-se. Voltei pro barraco, usando berço emprestado da vizinha, deu uma semana e Gerson foi baleado na boca da biqueira, eu recebi a notícia da morte dele junto com o recado de que se eu não caísse fora em dois dias, seria a próxima a tombar no acerto. Egoísmo, mas é verdade, eu só pensava que, com o Gerson morto, quem me ia trazer cocaína? Quem? Pedi uma semana para arrumar as coisas, mas nem sei se o recado chegou ao traficante, porque na verdade passei três ou quatro dias em casa cheirando tudo o que podia, com o Pedrinho no berço gritando, então chutaram a porta quatro sujeitos com pistola e fuzil, eu pensei que já estava tudo perdido, pedi só pra não matarem meu filho e acho que fui atendida. Sim, acho que vieram pra me executar, e na hora retrocederam. Porque, quando viram o Pedro no berço mudaram a conversa, disseram que eu tinha uma hora pra fugir dali correndo, senão me sentariam o aço. Bala. Um pouco como um caçador da Branca de Neve. Eu estava totalmente paranóica, lembro que consegui pegar um ônibus que ia pro outro lado da cidade, meu filho querendo mamar com fome e eu *high*, alteradíssima, desci em algum canto, andei muito, fui dar de mamar, mas não devo ter conseguido. Em minha memória, real ou recomposta, o menino tomava leite e começava a gritar, recordo do choro dele quando dormi.



Acordei em um quarto muito bem arrumado. Estava limpa, cheirosa, com um pijama maravilhoso e não lembrava de absolutamente nada, novamente um continho de fadas. Quando tentei levantar, uma senhora loira, de seus então quarenta anos, entrou no quarto me disse que eu havia dormido três dias seguidos, e eu acredito que seja verdade. O que eu não imaginava era que tinham me dado um calmante na veia, e forte. Contou-me que eu dormi em uma esquina na avenida, com meu filho berrando, quando o casal passou de carro e me viu. Eles eram um casal, um lindo e generoso casal. Me levantei com dificuldade e sem vontade de cheirar nada, só de ir ao banheiro. andei pelos corredores da casa e, em outro quarto, vi meu filho, lindo, com as melhores roupas, em um berço de príncipe e dormindo como um peixe. Essa, a parte boa da conversa, mas eu notava que viria a conta. Eu tinha 14 anos só, mas já era bem experiente: ou eu tinha morrido e não era mais Mildred, ou pagaria por tudo aquilo. Nesta terra, todos aqueles favores tem preço pré estabelecido. Ainda assim, note bem, para mim aquele casal ainda são um par de anjos na minha vida.

Pouco falamos durante um bom tempo, só eu e aquela senhora. Eu só lembro que dormia muito e não queria cocaína. Dois dias depois, chegou o aguardado Doutor Romeu. Simpático, apresentou-se como um cirurgião reconhecido, pediu desculpas porque viajara a um congresso, e perguntou muito de mim. Inocente, respondi de tudo: o pai do menino morto, os traficantes que não me deixavam voltar pro barraco, o nascimento de Pedro e Paulo, meus pais de classe média baixa, sem qualquer informação sobre a filha, na cidadezinha do Sul. Provavelmente a polícia me buscava, mas depois de tantos meses era pouco provável que encontrassem. E Pedro, com três semanas de vida, no quarto do andar superior, dormindo e engordando. E se desintoxicando, claro, porque o que eu dava de mamar praquele menino devia ser cocaína com um resquício de lactose. Não é estranho que, só de ficar sem meu leite, o menino já fosse dormir?

Doutor Romeu perguntou se eu usava droga, mas acho que era pergunta retórica, porque um médico o veria de longe. E, mais, penso hoje, nas roupas que me tiraram deveria ter muitos vestígios de cocaína. De todos modos, fui sincera: viciadíssima. Perguntou se eu queria dormir ali mais alguns dias, ele me daria um remédio que me faria dormir enquanto meu filho conseguia um pouco de saúde, porque Pedro morreria se voltasse pra rua e continuasse tomando leite em pó (entendam bem), e isso era verdade mesmo. Aceitei e dormi por mais longo tempo, depois de uma injeção que ele mesmo aplicou. Quando acordei, de novo, provavelmente dias depois, lembrava de quase nada. Que importavam minhas memórias? Tinha uma suíte só pra mim, eu estava limpa, quente e, com roupas de meu tamanho conseguidas não sei onde e, acreditem, com os cabelos cortados e unhas pintadas. Hoje penso que eles deveriam ter adotado a mim, porque eu era uma menina de menos de quinze anos, mas não foi essa a proposta que eu ouvi na conversa com eles, quando acordei desse segundo longo repouso.

A proposta do Doutor Romeu: eu deixaria Pedro ali, dormindo, e voltaria para minha cidade natal. Me colocariam em um carro, porque sequer de ônibus eu poderia viajar sozinha, e eu não mais veria meu filho, por um bom tempo. Só dali a vinte e quatro anos eu poderia procura-lo, de resto, segredo absoluto: ele mudaria de nome e eu jamais contaria que era sua mãe. Eu disse, pura novela da Globo, mas foi assim. Vinte e quatro anos. Eu disse, meio como reflexo, que não abandonaria um filho meu e ele respondeu, com essa frase que ficou marcada pra sempre “Estranho, porque um você já matou”. Covardia, uma *junkie* de catorze anos querendo argumentar com um experiente cirurgião. Chorei e aceitei, entrei no carro com um motorista, que me conduziria até próximo à



cidade, com duas malas de roupas novas, uma bolsa com bastante dinheiro e um pacto: ter meus estudos pagos na minha cidade natal, algo mensal pra comprar comida e o principal: aparecer somente dali a 24 anos. Pra quem tinha 14, significava não aparecer nunca mais. “Se precisarmos, nós te procuramos”. Eu aceitei, claro, e passei toda a longa viagem calada, no banco traseiro de um Toyota, pensando como faria para receber dinheiro e estudos sem que meus pais ou meu irmão soubessem sua origem. Um problema e tanto.

Quem quer ouvir o resto da história? Porque piora muito. Muito, estou avisando. Cheguei a casa achando que seria bem recebida e de fato fui. Meus pais, diferentemente de mim, jamais abandonaram os filhos. Mas minha mãe estava limitada: entrou em depressão grave após minha fuga e, ainda mais, quando meu irmão mais velho foi morto na porta de casa, depois de subir à boca de fumo de Gerson com mais dois amigos e espancar todo mundo ali para que revelassem onde eu estava. Não apenas não revelaram, como lhe mandaram o troco dois dias depois, num acerto de contas diante dos olhos chorosos de mamãe. Difícil, né? Difícil o suficiente para que eu largasse a droga, como se ela jamais houvesse existido em minha vida, e fizesse de tudo para ser boa filha, ocultando que mamãe tinha por aí um neto sendo muito bem criado. Mais fácil pra receber minhas benesses, porque não tinham condições de me fazer perguntas. Voltei à escola pública a que estudava, sob a censura daquele inferno que é minha cidade, entrei na escola de inglês e fiz um pacto: eles receberiam a mensalidade do meu curso, se espalhassem pra todo mundo que me davam uma bolsa de estudos, não sei, por sorteio. Cidade pequena tem seus fofoqueiros. Assim foi, quando terminei o ensino médio, bem atrasadinha, era já apaixonada e muito versada na língua saxônica. Formei-me professora de inglês logo depois na capital do meu Estado, ganhei bolsa (agora de verdade) para passar um ano na Inglaterra, que virou dois. Vejam as linhas da vida, sobre as quais refletimos depois dos quarenta: me fiz especialista em “junkie literature” e daí fui viver em Dublin. Dois anos. Resumo, voltei a Londres, me fiz sócia de um antiquário, que negocia peças raras do mundo todo. Quando me dei conta de que o tempo passa, de que os tais 24 anos venceriam, voltei pra Sp e abri uma filial de meu antiquário, que já operava com exportação de peças brasileiras raríssimas. Também abri uma empresa de aqui em SP, coincidentemente localizada a duas quadras da bela mansão dos Sabadell. A empresa de traduções vai muito bem, ganho muito dinheiro com ela, o antiquário é só um hobby. Ao menos, é o que digo à Receita Fedreal. De resto, acostumar-me à vida no Brasil e aguardar para vencer o prazo acordado, os 24 anos que me separavam de Pedro, que então já se chamava Moisés e cursava a melhor faculdade de engenharia do País.

E sabem quando eu o encontraria para dizer a ele que sua mãe verdadeira não era uma looser, uma amásia de traficantes? No dia 30 de março de 2017. Sim, quando se completariam exatamente 24 anos não de seu nascimento, mas do dia em que deixei definitivamente a casa do Dr. Romeu, a quem sou muito grata. Aliás, foi ele que me ligou para dar a notícia da morte do meu eterno Pedro, quando eu já tinha traçado todos os planos para sua visita: minha casa, a empresa de traduções, o mercado de artes e antiguidades, a explicação para meu abandono.

Fui visitar Dr. Romeu Sabadell em sua clínica, e o achei muito velho, claro. Na mesa do enorme consultório, abatido, como um verdadeiro pai que perde o filho. E eu tentando me manter firme, mas não é fácil. Não parece, mas tenho sentimentos; não aparenta, mas tudo o que queria era Pedro perto de mim e pronto. Minha vida, minha viagem, minha empresa de tradução, tudo foi erguido com o único objetivo de mostrar a Pedro, ou Moisés, ou quem quer que ele quisesse ser. Se quisesse se transformar em Juliette, comprar um ônibus e sair pelo Jalapão pra se achar a Rainha do Deserto, pra mim daria no mesmo. Bem. Dr. Romeu tinha documentos do Boletim de Ocorrência, do laudo



da morte. Fui ver meu filho em fotos em um exame cadavérico, não é agradável, e tampouco é agradável dizer que, mesmo ali eu o achei lindo e maravilhoso. Grande e forte. Se aquela era a mais recente foto dele, era a foto que uma mãe desnaturada deveria ver e adorar. Muito bem, é da vida. Como diz aquela canção, se fosse permitido, eu revertia o tempo. Mas não é.

O Dr. Romeu é bom homem, excelente cirurgião, mas fraco. Disse que estava comprovada a legítima defesa, que houve um trote e uma reação, uma fatalidade, a reação com a caneta. Nesse ponto divergimos, de imediato, eu não cria em sua passividade. Por dois motivos: primeiro, que sou muito mais determinada, ao menos no que concerne a Pedro; segundo, que tenho um passado bem diferente de Romeu, não se esqueçam que era o terceiro homicídio na minha família. Claro, sem contar o Paulo. Terceiro homicídio violento, eu digo. Então, para mim, aquela história de reação ao trote não convencia. Perguntei onde estava sua simpática esposa, e Romeu me disse que ela morrera em um câncer galopante dois anos antes. Eu não sabia de nada disso, mas explicava sua fraqueza: no casal, a força era da mulher. Saí do consultório apenas com o cartão de um advogado, Dr. Abranches, que Dr. Romeu me disse que cuidara do caso, mas já estava afastado. O grande cirurgião se rendera diante das circunstâncias.

Na saída, perguntei ao Dr. Romeu como ele havia me encontrado, depois de tanto tempo, e ele simplesmente respondeu: “Existe contra-espionagem”. Entendo que ele quis ser simpático para evitar a resposta, porque não me seria agradável e o clima não estava para grandes revelações. Com isso gastava suas poucas energias, com humor sem graça. Pobre homem, ele realmente está abalado.

Não vou dizer que Dr. Abranches me tenha caído simpático. Disse que não queria saber do caso, que não lhe estavam pagando. Bom, conversei sobre dinheiro com ele, mas isso é segredo, como também é segredo que, foi eu falar em retomar honorários, ele ficou animado e cheio de ideias, mas pedi que ele não atuasse. Só queria cópia dos documentos que ele tivesse do caso. Foi quando li o documento que a delegada fez da transcrição do vídeo. Não sou nenhuma detetive profissional, mas achei o vídeo muito estranho. Tudo forjado, e com uma enorme contradição: Hermógenes prometia um diálogo, mas não só falou muito pouco, como posicionou a câmera a uma distância que não se podia ouvir o que diziam. Será que não se calculou isso? Posso estar enganada, porque não vemos exatamente o vídeo, mas é o que diz no documento. *Feeling* de mãe, entendam. De todas formas, me motivou a ir atrás dessa história. Da verdadeira, não da que o Boletim de Ocorrência contava. Fui à Faculdade, fui à delegacia, e só então consegui trazer ao processo as primeiras palavras sobre aquilo que creio ser a verdade. Eu fui quem descobriu o *affair* entre o assassino e o ex-amante do meu filho. Quer dizer, todos sabiam, mas no processo não havia uma linha sobre isso; eu quem trouxe a primeira testemunha, para afirmar que a delegada tentara esconder a história de amor obsessivo como uma criança a ocultar o vaso quebrado; trouxe o perito para depor e declarar muito mais de o que dizia o laudo; encontrei a líder do movimento anti-trote; falei com o tal Gino (que até então escondia totalmente suas relações homossexuais), quem no mínimo demonstra que o assassino calculou a participação de todos como personagens de seu filme de amor e morte; até encontrei uma professora de artes marciais que afirma que passou um ano ensinando ao assassino como tirar a vida do meu filho com um seco golpe de caneta, na atitude mais anti-desportiva de que eu já ouvi falar. Tudo eu. Ah, falando em professor, fui também atrás de



um professor seu, de Cinema, que pediu pra não ser identificado. Acreditem ou não, eu vou contar o que ele me relatou. Fielmente.

Esse professor contou que Hermógenes era genial no cinema, nesse pouco tempo de Faculdade. Mas certamente obcecado. Pensei que ele me contaria sobre amores, mas não era esse o fetiche. Disse que Hermógenes era obcecado por uma grande história. Que dizia a todos, colegas, professores, que estava na Faculdade não para pegar diploma, mas para escrever o maior roteiro de cinema que o Brasil já vira. Que recriaria o Cinema Novo, mas muito melhor, que colocaria nosso país como protagonista das artes visuais em todo o mundo. E disse algo mais: que seria um filme chamado “O Crime Perfeito”, baseado em uma história real. Não é suspeito? Esse professor se negou a vir depor, pra contar isso. Disse que era princípio seu não ficar se metendo na vida de jovens adultos, que ouvira aquilo simplesmente porque o aluno o procurou para ter orientações sobre essa escrita, só isso. Me falou que, se fosse chamado pela Justiça para falar da vida de Hermógenes, mentiria. Então, é melhor nem revelar o nome do tal professor, porque de meias verdades este processo já está transbordando. As pessoas são assim. Ainda acho que a história está muito incompleta, sobram perguntas: qual a ligação real desse assassino com a causa anti-trote, seu passado psicológico para além da convivência com um estranho amigo argentino, quanto tempo estudou para o concorrido vestibular da engenharia. Pra mim, uma estudiosa de literatura irlandesa, nada disso são detalhes que se possam desperdiçar.

Falando nisso, conto só mais uma coisa. Porque sou personagem dessa história, dessa peça de literatura romântica. Eu disse, especializei-me em literatura junkie. Lia todos os dias relatos do mundo inteiro, de pessoas utilizando todos os tipos de droga. Mesmo com meu passado, ainda sob tantos estímulos, jamais voltei a usar cocaína. Sequer a beber álcool. Não me fazia falta. Um dia, nesses meus trabalhos, assisti a uma entrevista com o James Taylor, vocês lembram dele? Ele disse que foi viciado em drogas pesadas, como eu fui. E que havia décadas, também como eu, que não se aproximava de qualquer entorpecente. Claro, eu me identifiquei de imediato com a história. Até aí. Então ele afirmou algo de que eu duvidei, mas não deveria tê-lo feito: ele falou que não existe um “ex-viciado”, ninguém o é. O que existe é um viciado em eterna recuperação. Confesso que achei exagero, afinal eu estava longe daquele inferno do pó, desde que era uma adolescente. Com quarenta e dois anos, sim, com quarenta e dois é que tive de reconhecer que Taylor tinha razão absoluta. Porque, no dia em que recebi o telefonema do Dr. Romeu, dizendo que meu Pedro estava morto, me senti tão narco-dependente quanto no dia em que fugi do meu barraco com o bebê no colo. Dificílimo segurar para que eu não saísse diretamente do meu escritório para caçar cocaína em qualquer beco imundo da cidade. Me segurei, mas consciente sou uma viciada em eterna recuperação. Daí reconheço também minha obsessão: quando não penso em buscar informações sobre o ocorrido com Pedro, penso em cocaína. Dos vícios, prefiro o por justiça.

Não sei o que vai resultar esse julgamento, mas I did my best. Minha convicção é evidente, do contrario não teria movido o que movi. Há outro lado nessa história: há uma mãe sem filho. Não é a melhor das mães, mas é alguém bastante indignada.

Sim, mais uma coisa. Há alguns anos atrás, eu pediria para que não colocassem esse Hermógenes diante de mim, porque teria muita raiva. Com arte marcial, caneta, adaga, pistola ou uma metralhadora, ele levaria a pior e tombaria. Ou não, tombaria eu, mas num desafio olho no olho, sem surpresas. O quarto homicídio da minha família já estaria aperfeiçoado, se eu não confiasse na justiça. Eu só estou tentando romper essa maldição hereditária, e dependo de que os juízes me ajudem.





- XI -

**DEPOIMENTO DE
HERMÓGENES**



XI. Hermógenes Mapetelli

22 anos, estudante

Conheci Gino no cursinho em 2014, mas fomos namorar mesmo em 2015. Ele não conseguiu passar no vestibular de Engenharia naquele primeiro ano, eu entrei em Cinema. No mesmo ano que ele, meu sonho é ser roteirista de cinema e vou ser. O Brasil tem um potencial imenso para contar suas histórias, seus suspense. Quem sabe não sairá do Brasil o primeiro filme sobre um crime realmente perfeito? Talvez com a inscrição “baseado em uma história real”, ou até mesmo campeão de um documentário. Adoro documentários, porque, ao contrário de o que pensam, eles precisam de um roteirista. Mesmo a verdade traz seu ponto de vista. Ah, sim, Engenharia. Não sou muito fã, não. Adoro cálculo, de verdade, mas nunca sonhei com trabalho de engenheiro.

Em fevereiro de 2015 começo minha faculdade. Literatura, pensamento e biografias: o que têm em comum Gramsci, Cervantes e Dostoiévski? Ainda assim eu gostava de Gino e achava que eu o namorava, só isso. Naquele ano convivemos, respeitados os limites de tempo. Meu e, principalmente, dele, que estudava muito. Um bom sujeito mesmo, sabe? Bem pensado, respeitados também os limites financeiros: eu não tinha dinheiro pra me deslocar de fim de semana e sair por aí em Shopping Center ou hotéis com Gino, se quiséssemos ficar sozinhos havia minha república. Tenho pouco dinheiro e tenho que ajudar meus pais. São de idade já, não podem trabalhar. Meu pai é um pobre contador sem curso universitário, que me deixará de herança muita dignidade, aluguéis atrasados e o conjunto de caneta e lapiseira de metal barato que ele usava sempre em sua mesa. E que eu usava todos os dias desde meus tempos de cursinho, pergunte ao Gino. Se ele estiver motivado a dizer a verdade, confirmará esse fato. Talvez, aliás, anime-se a contar outros, bastante relacionados ao crime, mas duvido.

Terminamos o relacionamento em 2016, logo depois que ele entrou na sua sonhada Faculdade de Engenharia. Cortamos contato por redes sociais e eu não mais soube dele. Falamos uma vez, talvez duas. Nesse ano, meu trabalho de roteirista de internet, mesmo que bastante iniciante, me deu alguma condição financeira. Roteiros para youtubers e diálogos para produtoras, que simulam entrevistas. Sabe, essas entrevistas com gente famosa têm roteiros também. Somos uma profissão de homens discretos como prostitutas.

Pois estes meus lindos cabelos ruivos dão uma falsa impressão. Não cuido deles mais do que com o xampu e o condicionador mais baratos do mercado. Olha, um dia eu estava em uma loja do centro da cidade, em que vendem só esses produtos de beleza, um lugar bem popular. Entrou uma senhora que queria aparentar distinção e riqueza, embora ricos mesmos não devam frequentar aquela loja. Eu estava justo na prateleira comprando um belo litro de condicionador, que uma vendedora, não tão gorda mas muito maior que o uniforme dela, promovia: três por dois, algo assim. A senhora pseudo-rica aproximou-se da prateleira, simulando não estar interessadíssima na promoção, então a vendedora a abordou: “Três por dois, imperdível, a senhora quer pegar três potes?”. A dona-rica empinou o nariz e perguntou: “Mas eu ouvi dizer que esse condicionador faz cair cabelo, não faz não?”. A vendedora subiu no salto, era rápida como um tubarão “Minha senhora, se esse condicionador faz cair cabelo, então a Zona Leste inteira deve usar peruca, porque



todo mundo só usa essa marca!”. Entendeu? Interessante, não é? Bom, pra vocês pode não ser, mas para um roteirista um diálogo desse é um tesouro. Se bem encaixado, pode ser a cena mais marcante de todo um drama, sabiam? Esse toque de humor repentino.

Acho que não estudei muito para passar no vestibular de Engenharia, mas isso é impressão pessoal. Haverá quem diga que me matei de estudar naquele 2016, não tenho certeza. Mas tenho certeza de que sou livre para entrar em qualquer Universidade se for aprovado para tanto, e dela desistir se estiver convencido de que não é para mim. Talvez eu tivesse o sonho de cursar um ou dois anos de Engenharia para poder escrever ficção científica, não é possível? Estilo Asimov, que era um cientista destacado. Por que o Brasil não pode fazer um bom filme de ficção científica? Eu lhes respondo: porque somos subservientes à visão de que somente americanos, russos e alemães dominam a ciência. Notaram a importância? Ou talvez eu quisesse apenas traçar uma história pra contar. De qualquer modo, sou sincero ao dizer que não me vejo em um escritório com pranchetas, computadores, ou menos ainda trajando aqueles capacetes amarelos de visitar obra e fábrica, verdadeira ofensa ao senso humano de estética.

Como também tenho direito de escutar se alguém me diz que meu ex-namorado foi embebedado em uma festa do trote e ali se apaixonou por um sujeito que se gaba de ser heterossexual ao quadrado. Fato é que eu fui aprovado na Faculdade de Engenharia, na mesma Universidade em que estudo Cinema. Outro Campus, mas a mesma universidade pública. Havia dois dias para matrícula, eu fui no primeiro deles. Quando cheguei à sala de matrícula, vi todos ali organizando trote, inclusive o tal Moisés. Entrei direto sem ser incomodado, porque os troteiros tinham a fineza de nos aguardar na saída, quando os documentos já estão entregues. Muito bem, tentei fazer a matrícula e, veja só, tinha esquecido a cópia do meu histórico escolar. Distração a minha. Então não pude me matricular, mas na saída Gino veio falar comigo, daquele jeito escalafobético dele. Pedi calma, disse a ele que iria dialogar com todos e mostrar que não precisariam cortar meu cabelo. Convenci-o a filmar a cena, porque tenho direito de produzir provas a meu favor. Só não imaginava que ele fosse tentar sumir com o celular que mostrava o que aconteceu. Isso me parece muito mais imperdoável do que tudo o que fiz.

O que eu fiz? Digo objetivamente. Saí pelo pátio, fui cercado por muitas pessoas, disse que ninguém tocava em meus cabelos, quando chegou Moisés e seu companheiro pra me dar socos. Observem meu tamanho, olhem esse chassi de grilo que tenho. Eles eram fortes te tinham instrumentos muito mais cortantes que o meu, duplamente aliás. Sim, a tesoura. E eu minha caneta. Desviei do soco e me defendi. Por que exatamente em Moisés? Bom, porque foi ele que me deu soco. E não só: porque ele era o líder de tudo. Tombar o líder significa desestruturar todos os dominados, que fugiram dali. Se eu acertasse outro que não ele, garanto que não só meus cabelos não estariam aqui.

Eu saí andando, e só não derrubei a arma no chão, como manda Michael Corleone, porque ela ficou cravada no pescoço do agressor. Coloquei a tampa no bolso e, quando estava caminhando pela calçada, fora do campus, a viatura veio, me algemaram e fui pro distrito. Me bateram no caminho, mas não me cortaram o cabelo.

A partir daqui, se for direito meu, deixo de responder perguntas, sem qualquer problema em revelar a verdade dos fatos. É que queria terminar o depoimento mais cedo, porque estou escrevendo há tempos um roteiro e me vieram algumas ideias. Sim, um roteiro não de filme policial, que o Brasil já faz com essas coisas terríveis de tropas subindo favela, mas um grande filme de julgamento. Sim, por que, com uma realidade jurídica tão rica, nunca fizemos um daqueles enormes filmes de Tribunal? Apenas uma câmera, um só plano, como o *Rope*, mas uma trama emocionante. Pode ser baseado em fatos reais,



como um “Meia Noite no Jardim do Bem e do Mal”, um documentário ficcionado. Eu já disse que, embora não pareça, os documentários necessitam de um trabalhadíssimo roteiro?

Sobre meu julgamento, tenho só uma coisa a dizer. Não tenho dinheiro para pagar advogados particulares, o que em certa medida é bom. Estou preparado para tudo e, em um país como este, se eu for condenado por homicídio terei o consolo de não ser o único injustiçado. Posso garantir que comparecerei ao julgamento, responderei às questões que forem relevantes e sustentarei a verdade: usei meu direito de defesa diante de um agressor covarde. Se os jurados não entenderem assim, serei mais um dos grandes escritores que usam o tempo livre no cárcere para construir uma grande obra.



- XII -
CARTA DE
EUZÉBIO CALATRAYA



Carta de

XII. Euzébio Calatrava

A quem possa interessar,

*Recebendo-se neste Juízo
Esta carta firmada pelo Eminentíssimo
Deutor Calatrava,
Após confirmar a autoria,
Junte-se aos autos como
Prova de Juízo.
Ao promotor para, se quiser,
requisitar investigação sobre cárcere privado*
Marilda
Marilda Fidelis
Juíza de Direito

01. Jamais gostei de introduções, mas esta é necessária. Mínima, porque desconheço o destino final desta missiva. Minha vontade é que fosse lida e considerada no dia de julgamento, ou ao menos que servisse para reflexão da opinião pública, de dois ou três leitores que fossem. Mas é bem possível que não seja assim porque, se não for divulgado este documento (não me esforçarei muito para que o seja), meus herdeiros se depararão com uma cópia dele, em carbono, aqui em minha gaveta, e sua reação será naturalmente desaparecer com este papel, por uma das duas formas: se não o lerem, julgarão que é lixo; se o lerem, que é pouco provável, estarão compelidos a desaparecer com o conteúdo deste documento. Ninguém suporta a realidade, muito menos herdeiros ladrões e vagabundos, que esperam este velho professor, aposentado e sem descendentes diretos, deixar-lhes alguns poucos imóveis que lhes garantirão a vida longe do emprego, na usura e na exploração.

02. É triste este descompasso. De um lado, meus sobrinhos com cinquenta anos de idade, e os filhos deles, na faixa dos vinte, aguardando minha morte, para conceder eterno sustento à inércia em que vivem. Sempre com problemas no emprego, com o chefe,



com o desemprego no país, com a loja que não vende, porque lavrador ruim nunca encontra enxada boa, conforme pronunciava minha falecida mãe, mulher que pegou na enxada; de outro lado, eu aqui, nesta biblioteca, louco para trabalhar, para seguir produzindo para o contexto social, mas sendo impedido pelos mais diversos atores. O mercado me excluiu aparentemente porque sou velho, mas na realidade por um jogo muito bem arquitetado pelos meus concorrentes mais fiéis, aqueles que vêm na linha de sucessão na Advocacia e na Academia. Sim, a vida é um eterno teatro shakespeariano. Doutor Abranches, por exemplo, foi meu assistente durante décadas, e agora faz de tudo para confirmar que sou um ancião iluminado, o velho professor, um oráculo a ser venerado e consultado, mas jamais para seguir compartilhando seu escritório, porque não me quer na concorrência direta do mercado da advocacia criminal. Usará sempre meu nome para incorporar valor ao dele, como se pudesse herdar minha mente, mas nada mais. Talvez seja um castigo divino, a mim, depois de defender tantos assassinos. Sim, sou um homem de fé, e creio, como o citado bardo, em um Deus irônico: depois de defender tantos homicidas, eu fui assassinado em vida.

03. Então o que sou agora? Um velho quase imobilizado por aqueles que afirmam estarem a cuidar de mim, que me trancam nesta minha confortável biblioteca, com esta máquina de escrever, e saem ao mundo dizendo que sou um Professor Delirante, alguém que conseguiu todos os títulos universitários, escreveu os clássicos do Direito Penal, mas que hoje está alucinando. Quando, na verdade, uma muleta, um jovem assistente forte para me carregar e um táxi me propiciariam uma vida normal, muito mais ativa, aliás, que a de meus sobrinhos. Uma vida para seguir ensinando e, principalmente, aprendendo com esta sociedade volátil, até o último instante de minha vida biológica. Em vez disso preferiram dar-me uma velha auxiliar de enfermagem, vinculada a uma empresa, adestrada para dizer-me que necessito descansar e tomar meus remédios. Mesmo com grades de ouro, a cela ainda é prisão, notem, inclusive com as mazelas do presídio: um pouco de corrupção e a enfermeira aparece traz meu licor de 43 ervas, o único elemento físico que me dá prazer. Ah, sim, e meu charuto Cohiba, ela enfermeira está cobrando muito caro pra deixar-me sozinho com um.

04. Meu licor e meu charuto, agora lembrando bem, têm muito a ver com o que dissertarei adiante. Porque havia uma fala de Buñuel, em um documentário. Aquele cineasta dizia que, depois que Deus, com o passar dos 70 anos, lhe tirou toda a libido, ele pôde interpretar o mundo bem melhor. Sim, a necessidade de prazer carnal nos mata a alma, e comanda os crimes. Buñuel somente rogava a Deus melhor fígado e pulmão, para seguir bebendo e fumando, mas infelizmente o tempo os apodrece também. Agora entendo o cineasta nessas questões paralelas, então deve haver algo mais que a libido para seguir motivando-nos à vida.

05. E qual minha motivação?

06. Explico, mas tenham paciência, portanto, para mais esta justificativa, porque devo ainda mostrar que meu objetivo é o de seguir pulsante, não necessariamente intrometer-me na vida de quem quer que seja. Afinal, a premissa das opiniões inscritas nesta carta é a de que sejam uma reflexão sem direcionamento outro que não minha própria consciência. Meu sentido de vida, depois da libido, do licor e do Cohiba, é poder escrever nesta máquina e plasmar meus pensamentos no papel, para depois da minha morte.

07. É evidente que eu poderia dedicar meu tempo a um extenso escrito sobre o Direito penal filosófico, mas isso traria alguns inconvenientes que necessito expor: (i) Primeiro, meus inimigos o descartariam sob difamação, pois diriam que são reflexões de



um velho professor que está superado. Um professor que lê diariamente vinte vezes mais que eles, mas disso não se lembrarão. É a roda-gigante do mercado e da academia, não estranhem; (ii) Depois, é certo que não viveria até terminar ou cristalizar uma ou duas edições dessa obra, o que faria com que ela, caso fosse aceita no mercado, se transformasse em mais uma fonte de renda para meus herdeiros. Meu sobrinho mais novo, de quarenta e três anos, um para cada erva do meu licor, está querendo aposentar-se; (iii) Por último, escrever sobre algo não concreto seria sim perigoso para minha saúde mental, e isso assumo sem problemas, mas não por conta da idade, mas do claustro. Surge o risco de que eu delire como Dom Quixote, combinando a abstração e companhia dos livros às bombas psicotrópicas que essa cuidadora me injeta. Dom Quixote é o único livro que tenho em minha biblioteca e sei que jamais vou abrir outra vez, não apenas porque o temo, mas por outro motivo: tenho quase todas suas passagens de memória, creiam ou não. Portanto, se virem um velho cavalgando sobre um cavalo em meio à av. Liberdade, para atacar sozinho o prédio do Tribunal de Justiça da Metrópole, não o maltratem. Pode ser este velho professor, em busca da liberdade que sempre propiciou a terceiros.

08. Tive assim a alvissareira ideia de conseguir um processo real sobre o qual me debruçar, o que me custou um pouco, a partir deste cárcere de livros. Ter um caso real para manifestar-me afasta todos os inconvenientes anteriores: comprova que estou consciente porque trabalho com fatos atuais, evita as críticas dos inimigos porque traz um arrazoado concreto, e não deixa material para especulação financeira dos meus preguiçosos herdeiros.

09. Então consegui uma cópia de autos completos, um caso interessantíssimo, este do Hermógenes. Não vou dizer quem me a facilitou, mas tampouco devo agora ocultar que, no escritório de que a estrela da advocacia me expulsou eu ainda cultivo bons amigos. Sempre acreditei na força e amizade do segundo escalão, por isso estão aqui as cópias dos autos: começam com uma descrição de vídeo, logo um laudo necroscópico, depois o depoimento de uma delegada... e terminam com a fala do acusado. Um caso fascinante, em que eu me sentiria confortável para atuar em qualquer um dos lados, na defesa ou na acusação, mas aqui mantereí a neutralidade. O importante é que ele está pronto para ir a julgamento, o que dá a relevância prática à minha manifestação. Eu pagaria alto para assistir a esse plenário, sentar e apreciá-lo, como quem leva um banquinho para estar no museu por horas em frente a um quadro de Rembrandt. Sim, ler o caso de Hermógenes é contemplar uma pintura clássica.

10. Notem que já começo meu arrazoado, falando mesmo em pintura. Porque Picasso alguma vez disse que passara anos estudando as mais complexas técnicas de sua arte, para conseguir dar as pinceladas de uma criança. Difícilimo, mas temos muito a aprender com essa fala, e lástima que eu a tenha valorizado um pouco tarde na vida. Veja, é claro que neste caso a que me refiro, existe uma complexa e hermética discussão jurídica por detrás, cerne de todo o caso: a aceitação ou negação dos elementos subjetivos da legítima defesa, ou das causas de justificação em geral. Remeteria a tantas obras jurídicas maravilhosas como do meu amigo Sanz, mas elas seriam, como são, muito mal utilizadas pelos operadores do Direito. Estes usam apenas das suas conclusões, esquecendo adrede o percurso. É o pior dos mundos, a leitura de resumos, que dá autoridade intelectual a imbecis. Meia dúzia de frases para as “despesas da conversação”, como diria Brás Cubas, e estão prontos para vomitar regras sem qualquer coerência com o pensamento que as criara, chamando-as simplesmente de dogmáticas. Sem querer me comparar ao gênio malaguenho, vamos chegar às mesmas representações, ou talvez mais potentes, com os



traços de uma criança, bem simples. Assim passo meu tempo, e expando meu horizonte de leitores, todos inteligentes. Claro, meus herdeiros jamais entenderiam uma linha de o que vou considerar daqui pra frente, por mais claro que eu tente ser.

*

11. Temos três personagens interessantes, duas delas homossexuais assumidas, o que aqui interessa até certo ponto. Porque essa história de ter vergonha da opção sexual é algo irracional. Vergonha, na opinião deste velho causídico, é ser dotado de vigorosa saúde e, ainda assim, não trabalhar, aguardando como um abutre a herança do tio para trabalhar menos ainda, ou para enfiar meu patrimônio de oito décadas de suor na mesa de bazar. De outro lado, quem seria eu para criticar quem não assume sua condição sexual? Bom, voltemos a nossos personagens. Hermógenes, Evirgínio e Moisés, este falecido. O primeiro se apaixona pelo segundo, o segundo despreza o amor e se apaixona pelo terceiro, que se transforma em alvo de vingança do primeiro. Típico. Notem que, assumindo totalmente essa como a história em linhas gerais, descarto a hipótese do conluio entre os dois primeiros para eliminar o terceiro, não exatamente porque seja inverossímil, mas porque é uma hipótese que nasce de fonte suspeita. Digo-o com alguma autoridade, porque o Doutor Abranches, já o disse, foi homem de minha convivência por anos, o que também me impede de fazer grandes revelações. Apenas dou a pista de que ele aprendeu muito comigo, e dá os passos do bispo. No xadrez, a figura do bispo é na minha opinião a mais decisiva, e Abranches aprendeu a realizar seu traçado. O bispo anda na diagonal, nunca sai de sua cor, e é um risco quando à distância, somente se à distância. Note que jamais verá um bispo no xadrez atuar corpo a corpo - ele sempre, na jogada decisiva, virá de longe. Passa toda a partida posicionado e observando a tudo, mas mesmo na hora do xeque-mate sua presença é como de coadjuvante, como se caísse ali, garantindo toda a jogada, por pura coincidência, involuntariamente. Esse é Abranches: obtuso, enviesado, diagonal e à distância. Tem a todos muito controlados, dentro de seu tabuleiro, neste xadrez da vida de que falarei adiante. Lástima que ele não jogue xadrez, porque aprenderia mais comigo, ao menos sobre as metáforas. Sua ideia de jogo - e aqui falarei de jogo - não ultrapassa o futebol, com duas ou três confusas regras, como o impedimento. Aqui acaba meu veneno pessoal.

12. Volto à minha leitura dos fatos. Hermógenes é homossexual e está apaixonado por Gino. Dessas paixões compulsivas, aparentemente abandona seu curso de Cinema e estuda durante um ano todo para ser aprovado na Faculdade de seu amor. Imagino o que era cada hora de estudo, a determinação que havia. Pelo Cupido ou pelo Diabo, o indivíduo tinha determinação. Ao mesmo tempo, estudava os passos de Moisés Sabadell, e com isso se preparara, até mesmo fisicamente, para um ataque letal. Executaria Moisés à frente de todos, mas isso não era tudo: seu plano era persuadir Gino a filmar a morte do companheiro, sem saber que o faria. Sim, esse Hermógenes é melhor enxadrista que nós todos.

13. Mas a situação é complexa porque, como a língua da cobra, a motivação se bifurca. Por alguma causa que caberia desvendar melhor, parece que Hermógenes se coloca também como um opositor, muito convicto, de toda a prática do trote universitário. Não sou psicólogo, então não sei dizer exatamente quanto de cada motivação pesou para o ato, mas a realidade é que ele parecia mesmo determinado a fazer algo para estancar a agressão universitária em abstrato, e se entendia no direito de concentrar suas forças nisso. Quis segurar esse touro pelo chifre, e, convenhamos, foi essa mais uma de suas vitórias. O



problema é que isso custou a vida de alguém e, em uma sociedade civilizada, uma morte não pode sair assim tão impune, ao menos a princípio.

14. Porque dou mesmo alguma razão ao Dr. Abranches quando depõe dizendo que o comportamento doutora 5-1 foi um tanto precipitado, mas não sei se, só pelos dados que tenho, um comportamento suspeito. Bom, um dia esses dois – advogado e delegada – vão-se confessar apaixonados um pelo outro, mas isso é outra história. Voltemos. Talvez o impacto da imagem no vídeo fosse realmente convincente, o que também pode derivar do planejamento meticuloso de Hermógenes. Ou não, pode ter sido mesmo coincidência do destino, alcoolismo da delegada que a deixou apaixonada – emprestando agora sentido jurídico ao vocábulo ‘paixão’ – naquele momento e não a permitiu investigar com mais profundidade o caso. Ou porque, em uma cidade de latrocínios, tiros de fuzil, esquartejamento, e com políticos roubando bilhões, um jovem que se defende com uma caneta não deva mesmo passar um minuto na cadeia, não sei. Fato é que a liberação imediata de Hermógenes, do distrito policial, não pode ser classificada como algo usual.

15. Vamos diretamente resolver a questão. Que não se soluciona, simplesmente se representa, porque não estou aqui como juiz, apenas como pintor. Prefiro dizer assim: pode-se pintar com a pincelada fina de (de novo a ele) Rembrandt ou com a expressividade grossa de Van Gogh, nem por isso equivocada. Os dois estão corretos, lindos, e representativos da realidade, porque não são realidade, senão representação, certo? Como a realidade nunca se revive, somente se representa, sejamos Rembrandt ou Vincent: o traço fino ou a expressão mais grosseira não menos brilhante. E notem que as duas pinturas serão objetivas e realistas: não falarei de motivações internas, de psique, senão de uma realidade recortada. Se ela sugere ódio e amores, é por conta do olhar às cores plasmadas na tela desses artistas.

- I -

16. Primeiro, a expressividade de **van Gogh**: os traços crus e mínimos da legítima defesa.

17. Quais são as mais grosseiras regras da vida social? Qual o minimalismo proibitivo que implica a maior liberdade, quem responderia? Ah, as perguntas retóricas que lanço a mim mesmo, notem bem: o homem é livre para fazer tudo aquilo que não esteja proibido pelo Ordenamento Jurídico, não é isso? Contrario sensu, só está vetado aquilo a que a lei prescreve uma pena, e entre essas condutas está a agressão. Nada obrigava o pobre Hermógenes a avisar sobre seus intentos, nenhuma regra civil lhe impunha revelar seus amores, nenhuma lei lhe compelia a submeter-se à acolhida – violenta ou não – de seus veteranos. Do mesmo modo, no estado civilizado nada poderia impedir a reunião dos grupos violentos, as brincadeiras sem graça, as festas fora de hora, as comemorações tão primitivas como essenciais ao grupo. A não ser nos limites da lei – as “pequenas ilhas de proibição no grande oceano da liberdade”, como diria meu velho mestre – e um desses limites era a integridade física do nosso querido Chuck Norris das canetas: se não queria que lhe tocassem os cabelos, ninguém os toca.



18. Nesse ponto, o vídeo (ou sua indireta representação) é revelador de o que todos assumem que ocorreu: Hermógenes recusou ter seus cabelos cortados. Deve haver sido ofendido, humilhado, mas isso o vídeo (ou sua indireta representação) não mostra. Mostra, isso sim, que ele reagiu no momento exato em que estava sendo agredido, ou na iminência de sê-lo. E, desculpem-me os acusadores, ninguém pode dizer que extrapolara limites: um único golpe, com um instrumento inusitado, sem enorme potencial de letalidade. Caso padrão de legítima defesa, para constar nos mais conservadores manuais.

19. Claro que existia uma superioridade de armas ali ocultas, a história do cântaro e da pedra que em um dos maravilhosos ditos de Sancho, “se a pedra bate no cântaro ou se o cântaro bate na pedra, pior para o cântaro”, faço-me claro? Digo que pode ser que estejamos diante do caso que o cântaro agrediu a pedra, mas ainda assim é agressão. Se o cântaro estava predestinado a levar a pior, isso é juridicamente irrelevante, nestes nossos traços maiores.

20. Havia, sabemos, outros motivos para a reação, mas lembrem-se que nossas hipóteses são normativas. Tal é a hipótese mais evidente: Hermógenes foi agredido realmente, e reagiu de modo suficiente. O Código Penal o acolhe, a partir de talvez aquela que seja a regra natural mais antiga do Direito: quem se defende não comete crime.

- II -

21. Mas mesmo as normas podem ser detalhadas. A pintura de **Rembrandt** exige, na nossa metáfora, que se entenda a sociedade com outras regras. Com regras muito mais efêmeras. A compreensão que a sociedade se move com expectativas bastante mais complexas que simplesmente um código penal. Eu entendo que comprometer-se com essa sintonia fina é também uma construção de liberdade individual, porque nos livra muito mais de perguntar motivos psicológicos, que não as expectativas normativas do comportamento humano. Percebam, falo apenas em regras de convivência.

22. Nas regras de convivência está o *Homo Ludens*. O nome é do ensaio de outro holandês, que Ortega y Gasset disse ser um ensaio indispensável, e eu concordo com ele. Era uma daquelas obras de leitura obrigatória de quando éramos jovens, tampouco se faz mais isso, não é assim? Pois bem, os homens sempre jogavam, e compreender os jogos é parte de nossa convivência. Jogavam e jogam hoje, ainda que estejamos perdendo grande parte da capacidade de lidar com as diferenças naturais da grande dança lúdica a que todos estamos chamados a enfrentar neste Vale de Lágrimas. O que será o julgamento deste caso, senão uma grande diversão do *Homo Ludens*?

23. A sociedade precisa do jogo desde seu início, e o jogo demanda regras. Todos os esportes, o teatro, a dança, o meu maravilhoso xadrez. E, agora, claro, como grande leitor de Quixote, o mais belo de todos eles: os lances entre cavaleiros, os temíveis e sangrentos duelos. Sim, os duelos que fazem parte de nossa história e ainda seguem vigentes, se tivermos boa capacidade de observação. A tendência é que se tornem progressivamente menos violentos e sanguinários, mas jamais abolidos. Eu já vivi quase o total fim das touradas e a grande derrocada do boxe, e decerto meus sobrinhos vagabundos viverão sob a proibição das artes marciais, do futebol até. Não demorará a alguém dizer que o basquetebol é muito violento, quando os jogadores são proibidos de se tocarem, ou o voleibol será muito agressivo, porque os atletas fazem cara feia ao adversário, através daquela rede de náilon. E o xadrez, que simula uma guerra? Evolução, dizem, da



sociedade, os atletas se abraçarão e cederão seu lugar na competição, porque competir é feio. Bonito é chegar por último.

24. O problema é que a sociedade tem suas contradições e daí esses desafios, quanto menos violentos, mais desonestos, e esse é o ponto de que há que tratar. Os duelos clássicos eram bailes de disputas de honra, que se interrompiam com uma imobilização, um ferimento ou mesmo a morte. Garantia de paridade de armas, de padrinhos, de normas rígidas e, principalmente, de submissão ao resultado negativo, de aceitação da morte. É uma das últimas cenas do Quixote, que me arrepio de lembrar, quando ele pede ao cavaleiro que o derrubou que o aniquile: quem pode suportar viver depois da derrota? Qual o sentido da vida, quando a honra tombou-se para sempre? Há razão levantar-se, se a reputação seguirá estirada no chão?

25. Avançamos décadas à frente dos duelos, que feneceram depois da Primeira Guerra, e o que sobra é o pequeno e simples desafio do trote universitário. Há muitos anos eu não sei como tem sido feito, calculem há quantas décadas está formado este octogenário que recebeu seu grau de bacharel quando completava vinte e um anos. Tudo mudou, mas se ainda existe o trote é por um motivo: a manutenção da hierarquia, a vida que se transforma para novas regras. Nesse matiz de que falamos, o trote marca o golpe que faz promulgar a Nova Constituição da vida do jovem: com ou sem derramamento de sangue, existe um processo revolucionário. A distância da família, as boas vindas e a festa mesclada à violência são uma nova pedra fundamental, do grau de independência que deve existir fora de casa. Há poucos anos, num jornal de domingo, li um debate de professores nesse sentido. Era interessante, porque se ilustrava com uma mão que acariciava um soldado.

26. Se é assim, existe uma regra da lida, uma norma de convívio nada obscura. Questionável ou não, o costume existe e dela se criam expectativas. Essas expectativas são normas de convivência muito mais refinadas que as proibições do Código, e que se respeitam de algum modo enquanto se presume, tal como as leis federais, que todos a conheçam. Claro - e aqui está a grande fraqueza de minha opinião - como regras de nossa pintura de Rembrandt, apenas o ambiente específico as resguarda e as faz vigentes, daí não conseguimos reproduzir toda a normativa do ingresso universitário atual, porque à distância de lugar e, principalmente, das gerações que nos separam. Mas imagino que o que se espera é que o ingressante na Faculdade aceite as normas, ou, ao não as aceitar, use também de um código mínimo que o exclua do jogo. A exclusão do jogo, como em qualquer sociedade lúdica, terá suas reprimendas indiretas, como a rejeição pelo grupo, a pecha de covarde ou algo que o valha. Mesmo assim, existe em formalidades básicas. É o judoca que bate o braço, o boxer que joga a toalha. No xadrez é um pouco diferente, porque derrubar o próprio rei significa a capacidade de perceber que não há mais saída, então é mais honrado quanto em maior número de jogadas de antecedência o monarca se suicida. Como se o papel do jogador fosse proteger seu líder, o quanto mais, de presenciar a carnificina. De qualquer modo, desistir é perder a partida.

27. Tudo, uma representação. Por isso, nesse jogo socialmente conhecido, parece-me fora de cogitação a reação repentina para causar a morte. Diferentemente de o que haveria se Hermógenes estivesse sendo agredido por estranhos em um beco qualquer da cidade. A agressão que ele alegou à professora de artes marciais não era a que ele previa. Melhor, porque não quero ser psicólogo: a agressão que ele descrevera à mestra não era semelhante àquela que ele reagiu, porque ele reagiu a uma agressão dentro de regras diversas daqueles que ocorrem em um ataque de neonazistas a um homossexual desconhecido. Correto?



28. Em outras palavras, a grande disjuntiva aparece quando Hermógenes troca, sem qualquer aviso, as regras lúdicas a que seus colegas estavam vivendo pelas normas do Código penal, e aí está sua aguda sagacidade e nosso grande problema. Sagacidade, porque formalmente ninguém pode obriga-lo a seguir as normas de convivência do grupo a que sequer havia ingressado. Problema, porque custou a vida de alguém, que não esperava, como reação, um golpe na jugular ensaiado durante um ano.

29. Se consideramos essas regras sociais - que se transformam em expectativas comuns de comportamento - como minimamente válidas, Hermógenes não apenas estava a defender-se, como foi extremamente desonesto ao não avisar sobre sua premeditadíssima capacidade de reação. E isso não admite outro nome, senão homicídio à traição. A circunstância da agressão, que era elemento objetivo de legítima defesa, transforma-se em fator dissimulador do homicídio premeditado, quer dizer: Hermógenes estava ciente de que as condições do trote davam a seus opositores a crença de que não haveria, por parte dele, reação à morte. A escolha do momento e do modo teriam sido, nessa nossa pintura detalhada, um calculado ato de criação de surpresa, ou aquilo a que chamamos meio que impossibilita ou dificulta a defesa do ofendido.

30. Assim termina a pintura de detalhadas luzes e sombras do gênio de Amsterdam, a quem só uso como humilde referência.

*

31. E quem está correto? É o mesmo que perguntar se o quadro de Rembrandt é mais errado ou mais certo que a pintura de Van Gogh. É ignorância total fazê-lo, mas não se trata simplesmente de uma questão de gosto. Há algo de tempo, de adequação, de circunstância e, principalmente, de valoração. Porque os jurados estão chamados e obrigados a decidir entre uma e outra tese, sob o argumento dos acusadores e da defesa. Não é realmente magnífico mudar o entendimento dos juízes e o futuro de um indivíduo apenas com palavras? Eu acho ótimo, e sempre pensava que os jurados querem o que já dizia sempre ele, Sancho Pança: “O bem a todos, o mal a quem o busque”. E quem buscou o mal, nessa história toda? Pergunta e tanto, que só aos jurados cabe responder.

32. Falando em jurados, agora é apenas momento de ter a derradeira paciência para com um velho. Um velho sempre conta uma história, no momento da despedida. Por isso vou finalizar lembrando que, em meu tempo, julgamentos como esse ocorriam no Salão do Júri do palácio da justiça. Quantas vezes estive naquela tribuna, enaltecida pelo tom clássico da decoração, que nos dizia que era um momento solene! Zeitgeist, porque hoje os homicídios são tão banais que se julgam em qualquer sala com móveis de compensado e cadeiras de plástico. Mesmo a plateia era distinta. Se hoje fosse aquele tempo, eu pegaria meu licor, acenderia meu charuto e, como disse, me sentaria ali para contemplar a esse duelo de titãs. Acreditem os mais jovens, naquele tempo ninguém viria me dizer para apagar meu Cohiba, nem para livrar-me do álcool. Se trajássemos um terno, estávamos preparados para desfrutar do momento.

32. Pois então, faz uns meses. Antes de meu leve derrame, estive caminhando pelo Tribunal, e passei pelo Salão do Júri. Triste, ele hoje é um museu, que exige que o visitante se identifique à porta. Claro que me recusei a entrar, menos porque me



emocionasse com o que já vivenciei ali, mas muito mais porque evidenciaria que também eu estou injustamente reduzido à condição de museu. Aliás, estou lançando outra questão: se eu matar essa enfermeira, estaria em legítima defesa ao crime de cárcere privado? Sim, o Direito sempre nos leva a mais uma pergunta. Mas com essa não se preocupem, que eu respondo sozinho.

33. Com minhas cordiais saudações,

Euzébio Calatrava.



F i m

